



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
COLEGIADO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ALICE JÁCOME DO NASCIMENTO

**OBESIDADE EM MULHERES DE BAIXA RENDA E OS ESTIGMAS
SOCIAIS: UM ESTUDO NA CIDADE DE MACAPÁ – AP.**

MACAPÁ – AP
2010

ALICE JÁCOME DO NASCIMENTO

**OBESIDADE EM MULHERES DE BAIXA RENDA E OS ESTIGMAS
SOCIAIS: UM ESTUDO NA CIDADE DE MACAPÁ – AP.**

Monografia apresentada à
Universidade Federal do Amapá
como um dos pré-requisitos para
aquisição do grau de Licenciatura
Plena e Bacharelado em Ciências
Sociais.

Orientadora: Iracl Carvalho Barroso

MACAPÁ – AP
2010

ALICE JÁCOME DO NASCIMENTO

**OBESIDADE EM MULHRES DE BAIXA RENDA E OS ESTIGMAS
SOCIAIS: UM ESTUDO NA CIDADE DE MACAPÁ – AP.**

Monografia apresentada como exigência parcial para
obtenção do grau de Licenciatura Plena e Bacharelado
em Ciências Sociais à banca avaliadora da
Universidade Federal do Amapá.

Avaliado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Mec. Iraci Carvalho Barroso

Esp. Rauliette Diana Lima e Silva

Dr. José Maria da Silva

Dedico este trabalho a todos que de alguma forma contribuíram para a sua concretização. Em especial a minha filha Tatiana Jácome pelo o apoio e carinho que demonstrou em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que mesmo não merecendo a sua misericórdia, me ajudou a concluir este curso, que por nenhum momento, apesar das dificuldades, não me deixou desistir.

Agradeço aos meus filhos Rafael Jacome Rocha e Tatiana Jacome do Nascimento que foram o motivo maior, que acreditaram em mim no momento em que eu achava que já não era mais tempo de estudar. Aos meus amigos da turma que contribuíram e compartilharam comigo do mesmo objetivo, a conclusão do curso.

A minha orientadora Iraci de Carvalho Barroso pela sua força e dedicação em me ajudar sendo minha orientadora, mesmo passando por um momento de dor e muita tristeza em seu coração, mostrando assim o amor que ela tem por sua profissão, sendo um exemplo de vida como professora de Ciências Sociais.

*“A experiência do corpo é
sempre modificada pela
experiência da Cultura.”
(Strozemberg 1986)*

RESUMO

O estudo do tema proposto focaliza a realidade de mulheres de baixa renda na cidade de Macapá que sofrem estigmas sociais em função da obesidade. A questão da obesidade representa uma série de dificuldades no cotidiano dessas mulheres que são rejeitadas, estigmatizadas e invisíveis perante a sociedade. Para tanto o estudo teve como opção metodológica uma pesquisa de caráter qualitativa através de entrevistas. A hipótese levantada discute a possibilidade que independente dos fatores genéticos a questão da condição de vida seria o fator preponderante para o excesso de peso nas mulheres. Como resultado chegou-se a perceber que o trabalho de conscientização da obesidade, possibilitando a interação das mulheres com seu próprio corpo, família e sociedade, pode levar a compreensão do problema como um sintoma e assim contribuir para uma maior eficácia no tratamento.

Palavras-chave: mulher, obesidade, discriminação

RESUMÉ

L'étude du thème proposé se concentre sur la réalité des femmes à faible revenu dans la ville de Macapá qui souffrent de la stigmatisation sociale en fonction de l'obésité. Le problème de l'obésité représente un certain nombre de difficultés dans leur vie quotidienne qui sont rejetées, stigmatisées et invisibles à la société. Ainsi, l'étude était comme option méthodologique une recherche de caractère qualitatif au moyen d'entrevues. L'hypothèse discute que indépendants des facteurs générales la question de la condition de vie serait le facteur majeur pour le surpoids des femmes. Comme résultats il été remarqué que le travail de sensibilisation de l'obésité, en permettant l'interaction des femmes avec leur propre corps, la famille et la société, peuvent conduire à la compréhension du problème comme un symptôme et ainsi contribuer à une plus grande efficacité.

Mots-clés: femmes, obésité, discrimination

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
I - CORPO DE MULHER INSTRUMENTO DE CONTROLE SOCIAL.....	14
1.1 Visão teórica sobre corpo de mulher e estigma.....	14
1.2 A valorização do corpo no Brasil.....	18
1.2.1 Historicidade.....	18
1.3 O desnudar do corpo.....	19
1.4 O surgimento do corpo como objeto estético.....	22
II – CORPO DE MULHER NA CONTEMPORANEIDADE E O PODER DA PUBLICIDADE.....	24
2.1 O corpo como mercadoria.....	27
2.2 A discriminação das mulheres obesas no mercado de trabalho.....	29
2.3 Os problemas emocionais causados nas mulheres obesas em função da discriminação.....	31
2.4 A estética como um dever moral e social.....	33
2.5 O estigma contra obesidade e suas representações sociais.....	35
III – MULHERES OBESAS EM MACAPÁ.....	39
3.1 Mulheres obesas e a questão social.....	40
3.1.1 Casamento.....	40
3.1.2 Atividades sociais.....	41
3.1.3 Sentimento de exclusão e privações.....	42
3.1.4 Hábitos alimentares.....	44
3.2 Mulheres obesas e a questão psicológica.....	46
3.2.1 Ansiedade e a Relação com o corpo.....	46
3.2.2 Vaidade e Sexualidade.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICES.....	59

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo investigar que atitudes em relação à aparência, revelam maneiras de lidar com o corpo até então não evidenciadas, mostrando se as mulheres de baixa renda nas periferias de Macapá em função da obesidade, são vítimas de estigmas e são excluídas socialmente. Também tenta-se destacar alguns dos qualitativos morais e estereótipos depreciativos mais comumente observados. Enfatizar o novo paradigma cultural da contemporaneidade o dever moral de ter um corpo perfeito como um adicional aos padrões estéticos de beleza que sempre existiram ao longo da história. Paralelamente avaliar algumas situações que podem estar contribuindo para esses elevados índices de obesidade, em especial nas mulheres de baixa renda pertencentes aos grupos populacionais desfavorecidos do ponto de vista socioeconômico; investigar estilos e condições de vida que possam levá-las à obesidade, levando em conta os dispositivos emocionais e sócio-comportamentais.

A obesidade é um dos principais problemas de saúde pública do mundo, atingindo tanto os países desenvolvidos como aqueles em desenvolvimento Naves, (2004, p.103). É caracterizada pelo excesso de gordura corpórea e está associada com o aumento do risco de várias doenças crônicas não transmissíveis, principais causas de morbimortalidade em todo o mundo. Monteiro, (1995 p.46), afirma que a população de obesos vem apresentando importante aumento de incidência nos últimos anos, especialmente entre as populações mais carentes

Para Monteiro, (1995 p.187), a obesidade está distribuída em todos os estratos socioeconômicos da nossa população, tendendo a ser mais prevalente entre a população adulta com menor poder aquisitivo dos grandes centros urbanos.

Na época atual o corpo magro, esbelto, encontra-se em evidência.

Vive-se um tempo em que a figura do “ser gordo” é rejeitada e até estigmatizada. O “ser gordo” significa um padrão afastado da beleza, além de sofrer também uma série de dificuldades no cotidiano, desde uma simples passagem na catraca de um ônibus ou a sentar-se em uma cadeira, até a compra de vestimentas. Isso tudo representa um grande desconforto, além dos apelidos vulgares que recebem: “baleia, glutão, guloso, porco, fofura, rolha de poço” e muitos outros.

Fellipe (2003, p. 43), mostra que tradicionalmente, se esperar que quanto maior a renda, maior a prevalência de obesidade, a tendência atual revela que a prevalência de obesidade é cada vez mais alta em mulheres de baixa renda, apresentando uma tendência a se estabilizar ou até mesmo diminuir nas classes de renda mais elevadas. Já a presença do excesso de peso na população mais pobre pode ser explicada pela falta de orientação alimentar adequada, atividade física regular reduzida e pelo consumo de alimentos calóricos, como cereais, óleo e açúcar. Alimentos feitos com estes componentes, sobretudo os dois últimos, são mais baratos e fazem parte de hábitos alimentares tradicionalmente incorporados. O problema da obesidade cresce menos entre a população mais privilegiada porque ela teria maior acesso a informações sobre os prejuízos que a doença acarreta ao valor nutritivo dos alimentos e aos benefícios da prática de atividade física regular. Além disto, dispõe de meios materiais para sustentar os custos de novos “hábitos” ou novos “consumos”, preocupação estética.

Segundo Fellipe, (2003, p.255), a análise do contexto sócio-histórico remete-nos também à compreensão do cotidiano gerador de ansiedades, estresses e doenças sociais; também é avaliado o papel da mídia e da indústria de alimentos no consumo. Indústria e mídia que se confundem ao oferecerem tanto produtos que engordam como produtos e serviços que levam à perda de peso, ditando um padrão de beleza a ser seguido.

Discute algumas hipóteses. A primeira seria de que as mulheres em situações de carência teriam uma propensão genética para o desenvolvimento da obesidade, como fator protetor em escassez de alimentos. Desta forma, quando em situações de abundância alimentar, tais "genes ligados à obesidade" poderiam se tornar venenosos ou não protetores, levando ao ganho ponderal excessivo. Uma segunda hipótese seria de que uma desnutrição precoce poderia promover a obesidade no futuro. A terceira hipótese levantada discute a possibilidade de que, independentemente de fatores genéticos, a melhoria das condições de vida seria o fator preponderante para o excesso de peso nas mulheres.

Ainda segundo Fellipe, (2003 p.31), alimentos como frutas e vegetais frescos não seriam tão acessíveis à população de baixa renda, visto que tais indivíduos dariam preferência a alimentos com alta densidade energética, por serem estes mais baratos, mais saborosos e conferirem maior saciedade.

A obesidade pode ser causa de sofrimento, depressão e de comportamentos de esquivia social e sexual, que prejudicam a qualidade de vida.

Para Ferreira, (2003, p 206), a gordura tornou-se símbolo de descontrole e de “preguiça”, além disso, os obesos eram percebidos como tendo baixa auto-estima, limitações intelectuais, mau funcionamento mental tais como excesso de ansiedade e “covardia” (por utilizarem a gordura para se esconder), e “egoístas” por comerem mais do que os outros indivíduos, Segal, (2006, p.56) Nos estudos o autor aponta os preconceitos associados à obesidade comumente encontrada.

Esses mesmos indivíduos podem apresentar dificuldades em obter prazer nas relações sociais, por se sentirem rejeitados ou discriminados, o que os leva ao isolamento. Por outro lado, esses sentimentos contribuem para que os obesos enxerguem a comida como importante fonte de prazer, o que, devido ao preconceito, conseqüentemente, restringe e empobrece ainda mais suas relações afetivas e sociais. Esse processo alimenta o ciclo vicioso em que, de um lado, há o ganho progressivo de peso e, do outro, uma solidão cada vez maior Campos, (1998, p. 78).

Além do mal causado pelo preconceito social existe uma “perda” da identidade, pois na maioria das vezes sua identidade passa a ser seu tamanho e não o seu nome - "lá vem à gordinha". Este desconforto pode levar as pessoas a passarem fome, sofrerem cirurgias, correrem risco de vida e desenvolverem outros tipos de problemas.

Diante de toda essa conjuntura do problema da obesidade nas mulheres em especial de baixa renda, o método utilizado para investigação do tema proposto foi de caráter qualitativo que segundo Haguette, (1995, p.96) a metodologia qualitativa refere-se à pesquisa que produz dados descritivos, fornecidos de forma escrita ou falada pelos sujeitos e pelo comportamento observado dentro de um específico grupo pelo pesquisador. Para autora, este tipo de pesquisa permite essencialmente, a investigação de comportamentos, sentimentos e opiniões.

Para verificação das hipóteses foram realizadas entrevistas com depoimentos de vinte mulheres de Macapá que se sentem excluídas socialmente em função da sua aparência por causa da obesidade. E para efetuar tal análise, segundo o método utilizado, perpassou-se pelas seguintes etapas:

1º As categorias que foram abordadas nas entrevistas se relacionaram: à identificação e a dados sócios demográficos; à escolaridade; à profissão e às relações de trabalho.

2º Sujeitos: optou-se por trabalhar com uma amostra de vinte mulheres que são consideradas obesas, escolhidas na periferia de Macapá, sendo cinco de cada bairro, como: Renascer, Infraero, Pantanal e perpetuo do Socorro

3º Procedimentos: foram realizadas algumas entrevistas-piloto do roteiro de entrevista, (em anexo) com a finalidade de verificar a compreensão das perguntas pelas entrevistadas; após os ajustes, as participantes foram entrevistadas.

4º As mulheres entrevistadas foram com idades variando de dezoito a sessenta anos.

5º As entrevistas foram realizadas de forma individual, com autorização expressa de cada participante (em anexo), seguindo orientações técnicas do comitê de ética em pesquisa;

6º Cada entrevista foi transcrita na íntegra com autorização dos participantes, preservando-se o anonimato dos mesmos. Os resultados foram analisados segundo a análise de conteúdo do discurso levantando as categorias fundamentais dos mesmos

O presente estudo foi organizado em três capítulos:

O primeiro fala do corpo de mulher como instrumento de controle social, onde será abordada a questão da visão teórica sobre o corpo de mulher e estigma; A valorização do corpo no Brasil; a historicidade; O desnudar do corpo e o surgimento do corpo como objeto estético.

O segundo terá uma abordagem sobre o corpo de mulher na contemporaneidade e o poder da publicidade, em que será visto o corpo como mercadoria; A discriminação das mulheres obesas no mercado de trabalho; Os problemas emocionais causados nas mulheres obesas em função da discriminação; A estética como um dever moral e social e o estigma contra a obesidade e suas representações.

O terceiro capítulo vem nos mostrar a questão das mulheres obesas em Macapá, com depoimentos mostrando suas histórias de vida com relação: A alimentação; O lazer; Frustrações; Sentimento de exclusão; Privação; Vaidade e sexualidade.

No final do estudo foi analisada uma abordagem teórica social voltada também para psicanálise, foi necessário a partir dos depoimentos das entrevistadas, mostrando que a obesidade está relacionada não só as questões sociais, mais também um instrumento causador de problemas psicológico.

I – CORPO DE MULHER INSTRUMENTO DE CONTROLE SOCIAL

1.1- Visão teórica sobre corpo de mulher e estigma

Ao tratar do conceito de identidade social, Goffman, (1988, p. 123) permite-nos compreender a estigmatização sofrida pelas pessoas com deficiência. Ao fazer referência ao uso da palavra “estigma” pelos gregos, define-a como: “... sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentavam”.

O estigma era a marca de um corte ou de uma queimadura no corpo, e significava algo de mal para a convivência social. Podia simbolizar a categoria de escravos ou criminosos, até mesmo um rito de desonra. Era uma advertência, um sinal para se evitar contatos sociais, no contexto particular e, principalmente, nas relações institucionais de caráter público, comprometendo relações comerciais.

O estigma, segundo o autor em referência, é um emblema produtor de amplo descrédito na vida do sujeito e em situações extremas é nominado como “defeito”, “falha” ou “desvantagem” em relação ao outro. Isso constitui uma discrepância entre a identidade social virtual e a identidade real.

O estigma social estende-se aos deficientes, aos negros, aos pobres, aos de baixa estatura, aos gordos, aos ignorantes e a todos os que não se encaixam no modelo preconcebido pela sociedade como de “normalidade”.

Para os estigmatizados, a sociedade reduz as oportunidades, os esforços e os movimentos; não atribui valor; impõe a perda da identidade social e determina uma imagem deteriorada, de acordo com o modelo que lhe convém.

Aspecto interessante a ser analisado é o corpo. Este tem sido estudado por um longo período na história humana, a partir de uma concepção político-social e reflete uma relação de desigualdade, nas diversas sociedades, especialmente para a mulher.

Segundo Bourdieu, (1997, p.155), o corpo o que comemos, como nos vestimos, os rituais diários através dos quais cuidamos dele é um agente de cultura. Isso quer dizer que o corpo não só funciona como uma superfície física com seus sentidos sendo ativados, mas também como um recipiente de todas as nossas

idéias, convicções, ideais e realizações no campo social, intelectual, político, moral, ético, etc.

É por isso que, na visão de Bourdieu, (1997, p.234) o corpo não assume apenas a relação com a cultura, mas também de controle social e neste contexto observasse que a mulher passa a ser vista na sociedade em função do corpo que apresenta, contribuindo para sua inclusão ou exclusão social de acordo com o padrão corporal e cultural requerido.

Para Bourdieu, (1997, p. 123), muitas vezes o corpo vem traduzir alguns posicionamentos que temos bem diferentes do que se está falando. Percebe-se que no mundo contemporâneo as ideologias constituídas ao longo da história permanecem cada vez mais vivas e fortes nas sociedades, visto que os padrões impostos no mundo capitalista com relação ao “corpo” têm definido o “padrão ideal” ao qual a mulher, em especial, tem que se adequar, sobretudo, se moldar.

O corpo da pós-modernidade assume a dimensão de controle social onde o padrão estético é definido de acordo com as regras do sistema que, se valendo da presença marcante da mídia, reproduz o ideário desejável de corpo que deve prevalecer na sociedade. Neste contexto apresentado, a ausência de um discurso político sobre o corpo é sufocada pelo poder ideológico que se manifesta, a todo instante, na vida e no cotidiano das pessoas. Assim, as normas que regem a construção da feminilidade contemporânea são marcadas pelo mundo da moda e outras dimensões econômicas, psicossociais e históricas, étnicas e de classe. Contudo, não apenas esses condicionamentos que constroem os atributos do corpo feminino, mas está incluído nesse bojo a educação alimentar e nesse olhar a relação de desigualdade está presente no qual o homem pode comer de tudo que lhe é apresentado, inclusive alimentos com alto potencial calórico, ao passo que a mulher é refreado o desejo de comer, sendo este concebido como algo vergonhoso e ilícito.

“Os corpos femininos falam agora dessa necessidade da configuração corpórea reduzida, enxuta e no uso de roupa mais próxima da masculina, em moda atualmente. Nossos corpos, quando nos arrastamos todos os dias para a ginástica e resistimos ferozmente às nossas fomes e após nossos desejos de gratificar e mimar a nós mesmos, também estão cada vez habituados com as virtudes “masculinas” de controle e autodomínio. Assim, a fome feminina deve ser concebida, controlada, como garantia de manutenção no espaço que lhe é concebido na sociedade e no contexto apresentado em relação ao corpo. Este passa a assumir valores

masculinos assumido, inclusive pela roupa por ele modelada, e as noções de controle e disciplina corporal masculinos passam a ser assumidos pela mulher atendendo aos valores ideológicos que a feminilidade pós-moderna assumiu.

Compreende-se que a representação de participação da mulher em função do uso do corpo como instrumento de participação e poder na sociedade deve ser repensado, pois o discurso político apresentado tem sido centrado no modelo padrão estabelecido desde o século XIX, quando a mulher passa a expressar sua feminilidade através da forma saudável. Contudo, no século XX, apesar do cuidado que a mulher deve ter em relação ao corpo, este não deve ser o fator que legitima sua participação ou exclusão da sociedade.

Segundo Giddens, (2003, p. 122) na sociedade moderna o corpo tem uma representação importante no que se refere ao erotismo: *O erotismo é o cultivo do sentimento expresso pela sensação corporal, em um contexto comunicativo: uma arte de dar e receber prazer.*

Na opinião de Antony Giddens, (2003, p. 125), a maior parte das disposições emocionais podem ser paixões que foram canalizadas para esfera animal, sexual e pouco valorizadas na era da razão. A manifestação das emoções foi coibida, e assim sua ligação ao sexo e a busca pelo outro através do sentimento. Temos então a busca pelo prazer desligada da necessidade do encontro com o outro, visto como provocador de emoções, paixões incontroláveis e ameaçadoras da vida racional. Ele afirma que não há lugar para a paixão nos ambientes rotinizados que nos proporcionam segurança na vida moderna.

Buscar a estabilidade emocional e financeira numa sociedade em que tempo e dinheiro são prioridade e não há lugar para sentimentalismos e paixões avassaladores, é um ato heróico, digno dos “super-heróis”. Junte-se a isso uma real impossibilidade do homem moderno em lidar com essas emoções, já que afastou-se delas. A revolução sexual deu ao sexo a característica de encontro provisório, voluntário e livre. A perenidade seria algo relacionado ao casamento, que traria estabilidade. Mas este espaço de trocas afetivas foi minado. Assim, sem a emoção e dominados pelo instinto racionalizado, chegamos ao *homo sapiens des-eroticus*. Esta nova espécie povoa a terra com sua capacidade em fazer muito em pouco tempo. Para isso, abdica do prazer em olhar nos olhos, fazer contato consigo e com o outro. Ele busca incessantemente ser feliz sem se dar conta de que perdeu o rumo para o

caminho de acesso a si mesmo, e, conseqüentemente, do encontro vital com o outro, fonte de sua identificação.

Na visão de Giddens, (2003, p. 128), o corpo torna-se um instrumento sexual que envolve o indivíduo de uma forma irracional onde não se vê o belo nas emoções e sim no estereótipo através de uma visão erótica e apelativa.

Para Foucault, (1998, p. 58) até o século XVII, protegia-se o corpo do rei. Agora, protege-se o corpo social. Segundo o autor, é o poder que gera o corpo social e não o consenso como se acredita. O domínio e a consciência do corpo só foram possíveis com um investimento sobre o próprio corpo através de exercícios disciplinares. O mesmo autor nos afirma que “o poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo”. O poder não se vacila. Investe em lugares estratégicos e de forma sutil, continua a sua batalha. A partir do século XVII lançou-se um poder de controle sobre o corpo e uma vigilância sobre a sexualidade. Dessa forma, “o corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais”. Para manutenção de suas estratégias, em vez do controle-repressão, o poder passa a agir por meio de controle-estimulação. “Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!” Segundo Foucault a idéia da negligência do corpo em favor da alma pela sociedade burguesa é falsa. Pelo contrário, ele diz que; nada é mais material, mais físico e mais corporal que o exercício do poder. Foucault afirma que não tenta delimitar o poder ao nível da ideologia. Para o autor o poder não exerce somente efeitos negativos na sociedade. Ele produz também efeitos positivos. Afirma que: se o poder é forte é devido ao fato de produzir efeitos positivos, como por exemplo, em nível do saber. “O poder, longe de impedir o saber, o produz”. Somente foi possível um saber sobre o corpo através de um conjunto de disciplinas militares e escolares.

Foucault (1998, p.78) conclui que o poder não está localizado no aparelho de Estado. Os mecanismos de poder funcionam de forma disseminada e a nível elementar e, nada mudará na sociedade sem que mude os mecanismos cotidianos das relações de poderes. Para Foucault, o intelectual deve fazer um inventário topográfico e geológico das condições de batalha, mas de forma alguma dizer o que deve ser feito.

Em Vigiar e Punir, Foucault, (1988, p. 235) analisa como uma estratégia de poder disciplinar que é informado pelo conhecimento e investiu pesadamente no corpo, estabeleceu-se no Ocidente no final do século XVIII. Para o autor, a

mudança fundamental nas relações de poder ocorreu quando a "alma" substituiu o corpo como o verdadeiro alvo da repressão penal.

Esse deslocamento introduziu uma nova forma de submeter o corpo ao poder pelo conhecimento. Agora, o corpo não é mais o objeto de punição, mas o instrumento de punição. Se o corpo está preso, o objetivo não é causar dor física, mas a privar os indivíduos de seus direitos. Foucault, (1988, p. 236) argumenta que, embora as reformas destinadas a corrigir as arbitrariedades e os excessos do sistema monárquico penal, seu verdadeiro objetivo, longe de ser humanitária, foi o estabelecimento de uma tecnologia de poder que é confiável e rentável.

A dimensão do controle colocada sobre o corpo aumentou, em segundo lugar, a técnica de controle se tornaram muito mais sofisticados, e em terceiro lugar, a coerção do corpo tornou-se constante. Foucault, (1988, p.236) define como "disciplinas" como o conjunto de métodos que produziu "sujeito e praticada" corpo dócil pronta para "utilidade." Corpos dóceis e podiam ser encontrados não apenas nas prisões, mas também em escolas, fábricas, hospitais e Forças Armadas.

1.2 - A valorização do corpo no Brasil

1.2.1 Historicidade

Segundo Courtine (2006, p. 89), na “virada do século, a relação entre o sujeito e o seu corpo começou a ser definida em outros termos”. Nesta etapa rompe-se a linha limite entre corpo e espírito e com isso o século XX, ainda com as palavras de Courtine (2006, p.91), “restaurou e aprofundou a questão da carne, isto é, do corpo animado”. Coube, portanto, ao século XX a invenção teórica do corpo. Corpo este que passou a ligar-se ao inconsciente, e foi amarrado ao sujeito e inserido nas formas sociais da cultura. Este século conheceu, pela primeira vez na história, uma superexposição obsessiva do corpo íntimo e sexuado. Assim, viu-se afrouxar as “coerções e disciplinas herdadas do passado”, bem como o fortalecimento e a “legitimidade outorgada ao prazer”, sem que com isso, evidentemente, tenham desaparecido por completo as tensões “entre desejos do corpo sexuado e normas de controle social”, especialmente na primeira metade do século XX.

Veneziano (2006, p 122), nos mostra que foi no Teatro de Revista brasileiro no final do século XIX, que este gênero consegue firmar-se até sua desintegração enquanto gênero específico, no final da década de 1960. As atenções eram voltadas para as vedetes, as *girls*, e as coristas como eram denominadas as dançarinas até a década de 1920. Surge então o corpo feminino revisteiro com o recuo do pudor, o afrouxamento das coerções e o fortalecimento da visibilidade, a exposição do prazer proporcionado pelo corpo sexuado e sensual, foram apropriadas e re-trabalhadas no palco revisteiro através dessas vedetes e *girls*, com isso pode-se entender o espanto e censura, pela ruptura das normas pela exposição do corpo feminino, e por fim, a coisificação, com um corpo explorado apenas como produto barato, tal como é perceptível na história deste gênero teatral no Brasil.

1.3- O desnudar do corpo

Para Veneziano, (2006, p. 17) O desnudamento do corpo das vedetes e *girls*, por parte destas artistas, mostra seu próprio corpo para o prazer e a sensualidade que servia também de reverberação máxima ao que se percebia no corpo social. O corpo revisteiro feminino com a construção do corpo feminino que se espraiava no social, desde o final do século XIX e ao longo do século XX aparece o espetáculo ligeiro, que mistura prosa e verso, música e dança que têm por proposição colocar no palco os fatos da atualidade através do uso da paródia, da zombaria, do burlesco, do sensual e do sexual não explicitado, mas insinuado através de duplo sentido, do jogo, da teatralidade. Chamo a atenção que para este gênero teatral é, ou era, fundamental o diálogo com o momento presente, este “presentismo”, que quase pode ser definido como o elemento central da estética revisteira, é, ou era, o ingrediente significativo para a compreensão de algumas de suas convenções, seja nas caricaturas vivas, nas paródias, nas críticas sutis ou explícitas, colocadas no palco, e capazes de provocar imediatas conexões com sua platéia. Nesta perspectiva, de trazer para o palco os fatos significativos do contexto imediato, se encontra um dos elementos vitais e fundamental da estabelecida cumplicidade entre

palco-platéia tão perceptível nas narrativas dos partícipes, na sua dramaturgia e mesmo nas fotografias e caricaturas desta prática teatral.

Veneziano (2006, p. 33), a percepção do presente está na era da revista mostrando que os acontecimentos foram passando chegando aos fatos da atualidade. Explicita mais a ligação com o presente ao definir a Revista como um gênero que tem por função “comentar a realidade cotidiana com acompanhamento musical, eram as chamadas Revistas de Ano⁴, já a partir da década de 1920 este tipo entra em desuso e passamos a encontrar na Revista Clássica, cuja base é a referencialidade ao presente imediato, ao cotidiano que cerca as pessoas na sua atualidade.

Para a autora, no palco está o reino da ficção, as atrizes, as vedetes e as *girls*, são pessoas de carne e osso, ou seja, possuem corpo, e, conseqüentemente, estão sujeitas a coerções e a desejos de adequar-se aos novos tempos. Elas fazem avançar a fronteira do pudor mais rapidamente do que no social, expõem-se mais à visibilidade, permitem-se mais intensamente a exposição do prazer de possuir corpos bem delineados e submetê-los a apreciação do outro, representaram excelentes indicações para a reconstituição da sua época”.

Veneziano (2006, p.34) mostra que esta etapa corresponde ao período onde a dominante era a Revista de Ano, na qual o trocadilho e a possível alusão ao sensual e sexual estava colocado na palavra e não no gesto, portanto, não estava no corpo, e muito menos no corpo feminino. Neste período, que pode ser compreendido entre 1884, Nesta fase revisteira o corpo das mulheres, era considerado exposto para o período, estava bastante protegido. As *girls*, que ainda se denominavam de coristas, usavam meias grossas na cor da pele. Os decotes eram discretos, e as vedetes usavam poucos adornos chamativos e menos ainda apelativos ou de duplo sentido. Embora transgressora para os moralistas de plantão, mais pela palavra do que pela cena, esta revista margeava os limites da moral vigente.

As danças desenvolvidas nesta fase da Revista eram improvisadas e dependiam mais da indumentária, com algum apelo visual, do que da uniformidade do conjunto das coristas e dançarinas.

No início do século XX as fotografias nos mostram “coristas gorduchinhas e desengonçadas”.

O corpo, fosse da “estrela” ou das “coristas”- “*girls*”, estavam protegidas por “fantasias” que não expunham seu corpo em partes ou no seu todo. Como afirmado acima, neste período a insinuação verbal era o mote de riso na revista, e os enredos bem construídos o apelo comercial junto ao público pagante.

“De acordo com Anne-Marie Sohn (2006, p.110) “o recuo do pudor”, esboçado nesta época vai se acelerando no período entre-guerras e se difunde durante os Trinta Gloriosos”. Neste período temos o início da virada no Teatro de Revista. Na primeira década do século XX a Revista de Ano começa a ser substituída pela Revista, depois denominada de Revista Clássica. Com isso vai se abandonando o tênue fio de enredo, e, conseqüentemente, a música e a dança ganham mais espaço. “Ainda com as palavras de Anne-Marie Sohn (2006, p.132) observa-se que durante séculos a sexualidade foi mantida sob silêncio ou despachada para o registro de coisas ‘suja’ e pecaminosas”. Era preciso, portanto, retirar a sexualidade do silêncio e da vergonha. Legitimar o prazer. E conseqüentemente deveria ocorrer a dessacralização do corpo feminino. E mais uma vez, a revista apresenta com antecipação este novo corpo feminino.

Afirma também Antunes, (2002, p.49) na década de 1920 “o teatro ligeiro embarcava na folia. Consolidava-se definitivamente o grande período das revistas-carnavalescas, que impulsionou a popularidade do gênero”. O predomínio carnavalesco não implicava somente o voltar-se para as músicas e marchas destinadas a folia do carnaval. Implicava, também, e isso é muito significativo, uma nova relação com o corpo, com este corpo que dançaria de forma diferenciada, com cadência e uma centena de particular nas “cadeiras”, no rebolado feminino. O corpo feminino que dança não se faz mais de improviso. As coristas, após 1920, passam a ter apoio de coreógrafos profissionais, entram em contato com o balé clássico e com as danças modernas. E, no corpo de baile, havia bailarinos franceses, poloneses, portugueses, argentinos. Todos trabalhando sob rígida disciplina.

Duas companhias estrangeiras em tournée pelo Brasil foram significativas para alavancar o “recuo do pudor” na cena revisteira. Em 1922 esteve no Brasil a Companhia de Revista Ba-Ta-Clan, de Madame Rasimi (França), e em 1923 veio a Companhia Velasco, companhia espanhol de Teatro de Revista. Estas duas companhias mostraram aos produtores cariocas “a valorização da participação feminina nos espetáculos. As atrizes ganhavam terreno, com os seus nomes despontando nos cartazes como os primeiros nomes das companhias”.

1.4 O surgimento do corpo como objeto estético

Segundo Antunes, (2002, p.54) o palco começava a explorar o banho de mar, os maiôs, e como observa o corpo feminino começava a ser tratado como objeto estético digno de observação e não mais como santuário indevassável de virtudes vitorianas e de hipocrisia. A partir da década de 1930 a praia transforma-se em lugar de ócio e de lazer, e convida a expor o corpo desnudo para apresentar um bronzeado perfeito, símbolo agora de boas férias. Revista também explora em seus quadros a sensualidade corporal exposta nas areias das praias cariocas. Contudo, a exposição corporal tem seu preço, as “gorduchinhas e desengonçadas” coritas das décadas anteriores não tinham mais condição de ocupar a cena revisteira, a não ser em papéis cômicos e caricaturais. Começava a era das vedetes, como Otília Amorim, Margarida Max, Aracy Cortes, e *girls* com corpos trabalhados através da dança, corpos que deviam provocar desejo e dar prazer à platéia na sua visibilidade.

Sohn (2006, p. 113) afirma também que em 1930 a sexualidade não é mais somente sugerida, mas apresentada em cena, tanto nos filmes como nos cartazes: sedutoras em combinação e ligas, amantes desfalecidas sobre a cama, beijos cheios de paixão, tudo isso como prova do desejo e do prazer.

O Teatro de Revista cominha a passos largos para o luxo e a exposição da beleza feminina através de corpos cada vez mais trabalhados e magros. A sociedade deslumbra com o novo corpo em construção que surge na década de 1930, no qual incluímos o corpo da atriz revisteira: “Desde então, com efeito, que as mulheres não podem mais trapacear com o corpo, os cânones da beleza física se mostram muito exigentes, O modelo do corpo da mulher magros e longilíneos e predomina.

Veneziano (2006, p.259) ainda diz que a beleza e o luxo implicaram em cenas apoteóticas onde não faltavam cascatas. “Havia cascatas de fumaça, cascatas de espuma, cascatas de água, cascatas de mulheres”. O corpo exposto tinha que ser, portanto, bonito e escultural.

A rígida censura do Estado Novo fez a revista investir mais e mais no apelo visual e na beleza dos corpos femininos, realçados pelas luzes, brilhos e lantejoulas.

O nu artístico e estático começa a ser permitido. Mas, a força do espetáculo se mantém pelo trabalho artístico das vedetes, das *girl* e dos grandes cômicos.

Sohn (2006, p.114) “também afirma que os limiões da tolerância, no entanto, evoluem rapidamente nos anos 1950”. A hipocrisia é deixada de lado. O cinema, as artes imagéticas, a Revista passam a explorar o corpo em toda a sua sexualidade e nudeza.

A maioria dos estudiosos deste período aponta para a banalização do corpo e do sexo explícito, dominantes no Teatro de Revista a partir de 1960, como o responsável pelo fim deste gênero no teatro brasileiro. Indo numa espécie de contramão do que vinha ocorrendo no social. Visto que o longo processo de liberação do corpo, especialmente do corpo feminino, “esboçado desde o final do século XIX, mas reivindicado somente nos anos de 1960”,

II – CORPO DE MULHER NA CONTEMPORANEIDADE E O PODER DA PUBLICIDADE

De acordo com Peruzzolo, (1998, P. 254), a percepção da existência do corpo da mulher ocorreu quando ela saiu da obscuridade para o visível, criando uma série de fatos que até então não havia acontecido, as mulheres detinham-se ao espaço de suas casas, ao privado. E, com essa saída de casa, viu-se algo de interessante, o corpo feminino foi desvelado, desejado e, muitas vezes, utilizado como objeto nos veículos de comunicação, para vender quaisquer produtos, apontando, necessariamente, para um padrão estético o qual é recomendável que seja seguido pelos indivíduos.

É importante mencionar que, nesse processo, os indivíduos, e, principalmente a mulher, desejam seguir os padrões estéticos ditados na sociedade, seguindo normas impostas, as quais nem sempre são fáceis de serem alcançadas, pois exigem imenso esforço por parte do indivíduo a fim de reproduzi-las.

Segundo Pitanguy,(1991, p.233), na década de 80 a excessiva preocupação com o corpo se intensificou, principalmente e a procura por um corpo perfeito iniciou-se com preocupação em manter rituais saudáveis como a boa alimentação, a prática de exercícios, uma vez que o corpo não mais foi visto, simplesmente, sob a perspectiva da Biologia, das Ciências Naturais, ou seja, um organismo que cumpre uma série de funções orgânicas. O surpreendente é que a atenção maior, muitas vezes, é dada à possibilidade do corpo servir como precioso veículo para a manifestação de uma série de preocupações e características e reflexos sociais das épocas.

Para Pitanguy,(1991, p. 238) hoje, ainda que se busque a aceitação das diferenças, conforme mencionado o que se percebe é a reprodução de certos padrões que são sugeridos às mulheres. E esses padrões referem-se, principalmente, à maneira de se comportar, de se vestir, insinuando, inclusive, a forma que o corpo feminino deve ter. A propagação destes padrões desejados/sugeridos pelos grupos, atualmente, é realizado, muitas vezes, pela publicidade, que se coloca como um canal poderoso que chega aos grupos de maneira muito eficiente, gerando, algumas vezes, mudanças de comportamento.

Segundo Priore, Del (2000, p. 89), a banalização da beleza fez com que a maioria da população feminina consumisse uma imagem que, para grande parte da população brasileira é um ideal difícil de ser alcançado. Uma vez que a publicidade, além de vender o produto, vende também, simbolicamente, valores e imagens que os receptores passam a desejar.

O uso, como sustentação, do corpo humano para venda de produtos/valores, sugere a utilização de certos bens de consumo, como maquiagem, roupas, cremes, alimentos, entre outros produtos. Entretanto há a intensa presença de anúncios publicitários que se valem da utilização de corpos simplesmente como alegoria para o produto vendido, não existindo nenhuma relação entre o objeto vendido e o corpo exibido.

O corpo, considerado como texto, apresenta uma série de significações, e pode representar a cultura dos grupos, reconhecida a partir das características desses corpos. A partir da alteração das relações sociais e culturais, os corpos também são alterados, refletindo esses momentos.

Para Priore, (2000, p. 92) O corpo feminino tem sido um dos produtos mais oferecidos pela publicidade, e com grande sucesso. E esse corpo vem recoberto de uma série de exigências que perpassam pela estética e pela moda, aproximando-se daquilo que é considerado o ideal do grupo, inclusive expondo modificações culturais das sociedades.

Percebe-se que o corpo feminino, muito mais que o masculino, tem evidenciado as evoluções pelas quais as sociedades têm passado, pois é nele que se percebem, com clareza, através de sua leitura, tais modificações.

Jamais o corpo mereceu tanto cuidado como na atualidade. Desde os aparatos, adereços, vestuários até os inúmeros métodos e técnicas e as possibilidades de transformação corporal através de cirurgias plásticas, o corpo se tornou um verdadeiro objeto de consumo. Com isso, a preocupação dos indivíduos, as expectativas em corresponder a sua aparência corporal ao corpo veiculado e difundido no discurso midiático como modelo, padrão, exemplo de perfeição e beleza a ser alcançado por todos que desejam fazer sucesso frente à sociedade é o que podemos intitular de: Culto ao Corpo.

Priore (2004, p. 12) nos mostra que no culto ao corpo cada um é adorado e adorador. O tal adorado é o corpo “perfeito” exibido na mídia, esculpido e modelado a custas de musculação, dietas, cirurgias plásticas, anabolizantes e medicamentos,

enquanto os adoradores são os consumidores que investem tempo e dinheiro em busca da perfeição corporal, do corpo “belo”, veiculado e vendido no discurso midiático. Sabe-se que essa padronização e culto corporal presente na contemporaneidade adentraram não apenas nos clubes e academias, mas nos lares, escolas e principalmente no imaginário dos jovens e crianças, homens e mulheres, aprisionando-os, povoando seus sonhos e desejos em terem corpos semelhantes a um determinado modelo exposto e dito como ideal.

Paresoli (2004 p.31) afirma que vivemos em tempos em que o corpo deve ser completamente enxuto, compacto, firme, jovem e musculoso e para isso vale ser cortado, emendado, mudado, bombado, enxertado, siliconizado, transformado, disciplinado e educado, objetivando o corpo “perfeito” que a mídia nos convida e ensina a atingir, onde as intervenções instrumentalizam o corpo como objeto a ser apresentado em público

Afirma (Paresoli, 2004, p. 56), toda fraqueza e defeito são exprimidos, pois de fato, o corpo é cada vez mais sujeito a constrangimentos sociais: ele não pode ser aceito a não ser que seja conforme aos modelos culturais e sociais. Toda flacidez, gordura e imperfeição têm que ser controlada, corrigida e eliminada, não havendo espaço para os defeitos e as desigualdades, de fato desejamos um corpo ideal e renegamos o nosso corpo, beleza e sacrifício corporal, percebemos que o corpo na contemporaneidade tem sido visto como critério para designar a felicidade, a saúde, à beleza. E neste processo, a beleza proclamada através do corpo afirma Genegn e Santos (2005 p. 123) internaliza a idéia de poder, onde o processo de busca é constante, oferecendo resultados, tornando-se um processo vicioso. Assim, ele tem sido modelado através das intervenções cirúrgicas possibilitando que o indivíduo liberte-se dos defeitos e desordens corporais, a fim de torná-lo compatível ao seu desejo. Já que, Cirurgias para alterar a anatomia humana (suprime-se costelas, enxerta-se músculos), a utilização de próteses para reconfigurar o desenho das linhas do corpo, são inovações relativamente democratizadas e “naturalizadas” de agir com o corpo, possíveis pelo avanço tecnológico

Para Chaves, (2003, p.31) o padrão Corporal e o Discurso Midiático observaram que os autores convergiram para o fato da influência que a mídia exerce sobre as pessoas ao veicular e recomendar através de imagens, técnicas, métodos e sacrifícios, um padrão corporal criterioso para felicidade, nos convidando a todo tempo a atingir um corpo melhor, segundo Silva, (2001, p. 28) o corpo tem se

tornado uma exigência na modernidade, pois o cuidado com o corpo transformou-se numa ditadura do corpo. De modo que o discurso midiático nos estimula a ter corpos perfeitos, onde não basta ser saudável, há que ser belo, jovem, estar na moda e ser ativo. Figuerira, (2005, p.2) valendo-se utilizar de todos os aparatos tecnológicos que o mercado dispõe para que, de fato, possa corresponder à expectativa que lhe é criada. Silva, (2001, p.86). Embora se saiba que o corpo real jamais estará altura do modelo Paresoli, (2004, p.51) e que, corpos perfeitos não existem, a comparação entre o corpo real e o corpo ideal jamais deixará de existir.

Assim, a diversidade na contemporaneidade do tema, nos permite observar que há muito ainda a ser investigado, uma vez que a mídia explora continuamente o corpo como objeto de consumo, sendo necessário diante de tantas possibilidades e meios para modificação e (re) construção corporal para se ter o corpo lindo, belo, com curvas e dons próprios existente em cada um de nós, já que repensar o corpo frente às suas possibilidades de modificação, frente ao discurso midiático é o desafio permanente a que estamos sujeitos.

2.1 - O Corpo como mercadoria

No bojo da sociedade capitalista, que tem no consumo um de seus meios de sobrevivência, o corpo assume um caráter de mercadoria, havendo também uma universalização de padrões, principalmente quando esta mercadorização atrela-se à incessante busca pelo corpo belo. Diante desta conjuntura, a publicidade e o marketing aparecem como um componente vital à manutenção do sistema, de modo que dirigem completamente a produção de bens culturais destinados ao consumo, influenciando as necessidades e desejos do (consumidor). Então, a publicidade apresenta-se como um forte instrumento de indução ao consumo dos mais variados produtos, criando, assim, necessidades supérfluas, direcionando os consumidores aos padrões de corpo socialmente impostos.

Segundo Adorno e Horkheimer ,(1985, p.99), o caráter fetichista da mercadoria se adequa à cultura, visto que esta se funde com a publicidade ao ponto de se confundirem. Nesse sentido, percebemos a imprescindível contribuição do “espírito”

da publicidade com o processo de mercadorização da cultura, pois, “tanto técnica quanto economicamente, a publicidade e a indústria cultural se confundem”

Para Adorno; Horkheimer, (1985, p. 153). a drástica influência da publicidade na formação da consciência das pessoas e como ela se torna fundamental na materialização de seus objetivos mercadológicos no sentido de vender um modelo de corpo e de fomentar o consumo em torno da busca pelo belo que é pautado por padronizações. Estas padronizações proporcionam ao sujeito uma falsa idéia de escolha e uma falsa sensação de que este se constitui realmente enquanto sujeito de suas experiências de vida.

A violência com que a indústria cultural manipula a individualidade humana deve se configurar em uma das questões primordiais para o entendimento das relações que são estabelecidas homem-homem e homem- natureza. Assim, “na indústria o indivíduo é ilusório não apenas por causa da padronização do modo de produção. Ele só é tolerado na medida em que sua identidade com o universal está fora de questão” ADORNO; HORKHEIMER, (1985 p. 144).

Nesse sentido, será que ao almejar um corpo, dito pela mídia “perfeito” e belo, não estamos nos identificando cegamente com o coletivo, com o universal e perdendo nossa própria subjetividade e a nossa possibilidade de se constituir enquanto sujeito autônomo? Será que estamos tendo autonomia e liberdade de escolha ou estamos sendo condicionados à mercadorização das particularidades do eu por meio do nosso corpo?

Assim, torna-se fundamental discutirmos as formas com que a indústria cultural se apropria do corpo, visto que estes aspectos são intrínsecos à formação humana. Uma sociedade que tem como sistema econômico norteador o modo de produção capitalista sobrevive do consumo, que se apodera de diversos elementos de nossa cultura, inclusive daquela que tange o universo corporal, principalmente quando a intenção se refere à busca de um corpo belo.

Esta relação que mulher estabelece com seu corpo vem ao encontro de uma perspectiva de vida indigna e apartada da reflexão sobre a cultura, exacerbando a barbárie. A cultura danificada dirige a subjetividade dos indivíduos produzindo necessidades alheias e supérfluas. Em contrapartida, a cultura também pode tornar-se caminho para a emancipação humana, proporcionando o estabelecimento de relações dignas e éticas. “A formação burguesa, no entanto, é contraditória. Ela

permite tanto a violência quanto a crítica a essa” ADORNO; HORKHEIMER, (1985 p. 147).

Dessa forma, faz-se necessário investigarmos com maior profundidade as questões referentes aos pressupostos advogados pela indústria cultural, que se remetem à disseminação de padrões de corpo, visando exacerbar o consumo em torno deste e reduzindo-o a um valor de troca. Este processo traz à tona relações indignas e danificadas com o corpo e com a cultura corporal, de uma forma geral, fazendo com que o indivíduo se torne acrítico e com possibilidades restritas de experiências formativas, havendo repulsa ao diferente, padronização de modelos estéticos, tecnificação do corpo, estandardização de movimentos corporais, recalque da sensibilidade e da subjetividade humana e o eterno logro travestido de felicidade.

Desse modo, a reprodução mecânica do belo torna-se mito, pois é idolatrada e padronizada Adorno; Horkheimer (1985, p.150). Então, como podemos resgatar o outro sentido do belo, frente aos pressupostos mercantis da indústria cultural?

Nesse tocante, torna-se fundamental refletirmos sobre o que seria o belo e tentarmos resgatar possibilidades crítico-formativo diante deste, buscando entendê-lo enquanto possibilidade de existência do sujeito, dotado de originalidade, liberdade e alijado de padronizações e de relações mercadológicas. Assim possamos pensar o belo enquanto caminho para uma menor submissão do homem frente à técnica racional e ao caráter letárgico da indústria cultural.

2.2 A discriminação das mulheres obesas no mercado de trabalho

Msiasonauv, (1981, p.56) afirma que a gordura é a forma mais socialmente validade de preconceito o que nos permitir criticar as pessoas gordas atribuindo-lhes a culpa por sua condição. Não se trata aqui de culpar esta ou aquela agência de modelos - ideal de tantas meninas, mas de refletir como o corpo tornou-se um objeto persecutório para grande parte das mulheres. Do sonho de Cinderela surge com freqüência a perseguição da Moura-Torta.(Novaes 2001, p. 23)

Em um interessante trabalho intitulado O Belo e a Morte, (Medeiros, 2005, p. 144) vai destacar o lugar do corpo na vida psíquica das mulheres, como algo, nada

trivial. Segundo o autor: "este é o palco e o cenário que descortina um drama tão antigo e arrebatador quanto às epopéias. Não por acaso foi à beleza de uma mulher, a causa da Ilíada, do destino dos Argonautas e do triunfo de Ulisses em sua Odisséia. Mas se o corpo é o palco deste drama onde o sujeito feminino interpreta sua inquietação diante das vicissitudes da beleza, quem estaria na platéia? Para quem ele representaria sua dor? De quem ele teria prazer em ouvir aplausos? Se há, felizmente, as que escapam, não podemos negar que temos uma longa tradição de negar nossos preconceitos, construímos em nosso imaginário à idéia de que não somos violentos, não somos racistas e somos extremamente cordiais. Isto nos levou a esta profunda situação de desigualdade em que nos encontramos. Ao invés de enfrentarmos o que de preconceituoso existe em nós, afirmamos nossa individualidade dizendo tratar-se de casos isolados e que, em realidade, não existe o preconceito.

Novais (2001, p. 26), coloca que existem concursos que já estão solicitando o IMC (índice de massa corporal) de seus candidatos e que inúmeras empresas não contratam pessoas gordas, certamente a alegação é outra, mas o raciocínio segue pela seguinte linha, como a gordura é apenas uma questão de 'força de vontade', deixando-se de lado todos os outros aspectos envolvidos - da genética ao psíquico -, atribui-se ao sujeito a impossibilidade de agenciar seu próprio corpo. Ora, se você não é capaz de gerir sua própria vida com competência, como o fará em seu trabalho? Não ter visibilidade social ou ser visto de forma negativo-pejorativa no imaginário social são os dois lados da mesma moeda, qual seja: retirar do sujeito uma das condições fundamentais para que o mesmo tenha garantida a sua cidadania, bem como sua saúde psíquica. Pois bem, é notória e consensual no campo das ciências humanas e sociais a afirmação sobre os riscos que corre o ser humano caso seja privado do contato e da interação com seus pares ou tenha a sua mobilidade nos espaços públicos e de sociabilidade limitada - todas as experiências que conferem certa dose de reconhecimento da alteridade em relação ao sujeito.

Para Morin, (2005, p. 87) situação fica ainda mais dramática numa cultura imagética como a nossa, onde, nos grandes centros urbanos, a visibilidade, reconhecidamente, assumiu um lugar de prestígio na obtenção do reconhecimento. Chegando ao ponto de podermos afirmar que este reconhecimento legitima/reitera para o sujeito a confirmação de sua existência, tirando-o, dessa forma, do anonimato da metrópole. A ausência do sentimento de pertencimento e a angústia da

invisibilidade podem levar a uma experiência de aniquilamento da existência fazendo com que o sujeito se sinta excluído do todo social, como uma pátria que não participa das regras do jogo, cujo final, indubitavelmente, resulta numa experiência muito dolorosa para o sujeito. Existir é, antes de qualquer coisa, apresentar a imagem para o Outro.

Para Lowen, Alexandre,(1983, p. 234), existem os inúmeros distúrbios na imagem corporal, os ideais estéticos nazistas que apregoavam a perfeição dos deuses e a eliminação de tudo aquilo que era considerado 'imperfeito'. Sabemos aonde isto nos levou. Quem define o 'imperfeito', quem determina à estética? O mercado? O mercado não é uma entidade em si mesma, ele é construído e apoiado em todos nós. Estamos, pois, no terreno da ética. Termo bastante complexo, no momento, vai tomá-lo pela via da tolerância. Tolerância não no sentido de suportar, mas de acolher o diferente, a diversidade e o respeito ao outro. Denunciar o preconceito e as inúmeras pressões a que tantas mulheres e jovens são submetidos, questionar a sociedade em que vivemos onde o consumo desenfreado leva-nos, freqüentemente, a abdicar de valores que sempre sustentaram nossa integridade; gritar cada vez mais alto que cada um de nós é dono de seu corpo e que este foi feito para nos servir e não para nos aprisionar. Enfim, reconhecer na diferença do outro a sua riqueza e singularidade, uma vez que é esta diferença que enriquece nosso convívio em sociedade.

2.3 Os problemas emocionais causados nas mulheres obesas em função da discriminação

Segundo Lowen, Alexandre,(1983, p. 236), o narcisismo “indica uma perturbação da personalidade caracterizada por um investimento exagerado na imagem da própria pessoa à custa do eu”. O indivíduo narcisista é aquele que perde o contato com seu “ser”, seu corpo e seus sentidos, e encontra-se alienado quanto ao mundo exterior. É importante ressaltar que a cultura promove valores que dão base ao nosso modo de agir e ver o mundo. Quando relacionamos o narcisismo ao sujeito devemos relacioná-lo também à perspectiva cultural. Nesse caso, estamos

relacionando as características do narcisismo (a valorização da imagem que procuram apresentar, o apreço material) ao indivíduo que busca esse ideal de beleza.

A partir dessa busca desenfreada por uma imagem idealizada, o indivíduo busca reconhecimento no outro, ou seja, o seu “eu” não se reconhece enquanto tal, senão através de sua imagem idealizada por outro. Para Freud, “nossa própria beleza não contará apenas com a imagem que temos de nós mesmos, mas também, com a que os outros constroem a nosso respeito, a qual tomaremos de volta. A imagem corporal é o resultado da vida social que temos”.

De acordo com Schilder, (1981 p. 26), a única certeza que poderíamos afirmar acerca da beleza é a sua ligação com as características do objeto sexual. Para ele a beleza da figura humana tem uma relação direta com a sexualidade. Essa característica descrita por Freud, em parte, se confirma pela atual abordagem da mídia sobre determinados temas. As novelas, a indústria musical, o cinema e a imprensa marrom trabalham voltados para uma linha mais apelativa, salvo algumas exceções. No caso das novelas, apenas para citar um exemplo concreto, o enredo é trabalhado dentro de uma visão de mundo que retrata algo inimaginável para um indivíduo das classes D e C. desde as inúmeras situações representadas (viagens ao exterior, moradias luxuosas) até as características físicas específicas a alguns personagens, o imaginário do telespectador atua de forma ativa, em caráter de identificação com aquele ideal encenado ou através do simples desejo projetado. São fatores como esses, alimentados ainda pelo marketing, que transformam essas vedetes da mídia (os olímpicos) em “acontecimentos” dignos da mesma importância de uma decisão política ou econômica.

A partir de um quadro de perda de si mesmo, diante de uma imagem fomentada por outros (em maior grau pela mídia), o indivíduo se apresenta ao tratamento clínico com um quadro de incompreensão em relação ao seu “eu”. A análise deverá se basear no restabelecimento do contato do indivíduo com seu próprio corpo a fim de reaver sentimentos reprimidos e ou transformados em mecanismos de defesa como eventuais projeções. A terapia está calcada na compreensão por parte do psicanalista, a fim de conhecer a história de seu paciente.

Quando falamos dessa ditadura da beleza com relação à obesidade, é necessário destacar o lugar em que se encontram as classes mais inferiores nesse processo. Composta por um público que busca informação e entretenimento

principalmente na TV, essa massa segue religiosamente alguns costumes impostos por esse veículo desde a cor do cabelo da mocinha das novelas das 8 até o figurino e as gírias mais marcantes.

Segundo Adorno e Horkheimer, (1985, p. 187) “os consumidores são os trabalhadores e os empregados, os lavradores e os pequenos burgueses. A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido. Assim como os dominados sempre levaram mais a sério do que os dominadores a moral que deles recebiam. Hoje em dia as massas logradas sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem sucedidos. Elas têm os desejos deles. Obstinadamente, insistem na ideologia que as escraviza”.

Obviamente que a terapia não é algo que está ao alcance de todos. Já a exposição dos modelos ideais de beleza é totalmente “democrática”.

2.4 A estética como um dever moral e social

“A cultura atual preconiza que estejamos bem para poder expor ao máximo o corpo. Hoje em dia vale muito mais um braço sarado do que roupas caríssimas, e olha que eu posso dizer, pois já fui estilista.” Courtine (2006, p.38) evidencia, através de alguns exemplos históricos, o fascínio e o estado de corpolatria característico da sociedade em que vivemos. Segundo o autor esse processo remete-nos ao fato de que, em outros momentos históricos, a apreciação estética do corpo, se dava de uma forma menos fragmentada, na qual não estavam em jogo pedaços/recortes da anatomia humana, sendo valorizado um todo harmônico.

É também preciso ressaltar que o controle exercido através da fiscalização de um olhar minucioso sobre a aparência e com o aval da ciência, contribui para regulamentar diferença e determinar padrões estéticos em termos daquilo que é próprio e impróprio adequado ou inadequado, normal ou anormal. Esse controle da aparência traduz-se não somente na atribuição de características estéticas, como as investem de julgamentos morais e significados sociais. É interessante notar como os discursos que normatizam o corpo, sejam eles científicos, tecnológico, publicitário,

médico, estético, etc., vão, pouco a pouco, tomando conta da vida simbólica/subjetiva do sujeito.

Nas palavras de Courtine, (2006, p. 40): “As instâncias que normatizam o corpo invadem as dimensões expressivas e simbólicas da corporeidade, fornecendo imagens e informações que reconfiguram o próprio âmbito do vivido corporal. O leitor é sempre aquele que possui um conhecimento muito limitado e confuso de seu corpo”. Com efeito, os cuidados físicos revelam-se, invariavelmente, como uma forma de estar preparado para enfrentar os julgamentos e expectativas sociais. Da mesma forma, todo o investimento destinado aos cuidados pessoais com a estética vincula-se à visibilidade social que o sujeito deseja atingir e evitar o olhar do outro ou à ele se expor está diretamente relacionado as qualidades estéticas do próprio corpo!

Segundo Courtine, (2006, p. 44), esforçamo-nos o ano todo com exercícios massacrantes para no verão termos a recompensa de poder ir à praia expor nosso corpo sem vergonha. Disciplinamos o corpo a freqüentar uma academia de ginástica a fim de que, à custa de muito suor e calorias perdidas, consigamos reconhecimento social e aprovação. O prazer é, irreversivelmente, associado ao esforço, o sucesso à determinação, e a intensidade do esforço é claramente proporcional à angústia provocada pelo olhar do outro. Nada aqui é gratuito, tudo é obtido num sistema de regulação de trocas, seja ele dentro da lógica capitalista ou inserido no pensamento do sacrifício cristão.

Em um artigo intitulado “Os Stakhanovistas do Narcisismo”, Courtine (1995, p. 78) discute o caráter hedonista, que muitos apontam na chamada cultura do corpo. Retraça a origem aos Estados Unidos, país onde as práticas sociais, sobretudo aquelas ligadas ao corpo, são mais evidentes e aponta para o caráter prescritivo das disciplinas corporais, herança do puritanismo e da cultura do “faça o melhor de si mesmo”. Para Courtine, (1995, p.78) “a pastoral do suor”, de inspiração puritana, foi uma crença de que a moralidade não é apenas uma questão só de piedade religiosa, mas também de forma e disciplina muscular.

De acordo com Courtine, (1995, p. 83) a imagem que as revistas oferecem para os leitores a respeito de seus próprios corpos, investe neste jogo de espelhos produzido entre o corpo e o olhar do outro, operando na construção da auto-estima e da auto-imagem, sendo

Para Novaes, (2001, p. 101) a imagem corporal deve ser compreendida como uma resultante da influência que o ambiente exerce sobre o sujeito, num processo em que as representações corporais estão em constante transformação. Assim, nas palavras de Novaes, (2001, p. 104). Contudo, sua maior contribuição foi destacar que inúmeras táticas de sedução e intimidação são elaboradas como um reflexo da fragilidade e vulnerabilidade existentes na construção da própria imagem corporal. Tais estratégias são articuladas para darem conta da expectativa que supomos os outros terem sobre o nosso corpo. E é este aspecto tirânico das relações humanas com referência ao corpo, que justifica a constelação de atitudes negativas face à feiúra. Aparentemente tratada como banal, a modelagem da boa aparência na verdade é investida de grande carga ideológica, fazendo com que a lógica do consumo permeie todos os investimentos estéticos.

Em recente pesquisa Novaes (2001, p. 159) sobre as academias de ginástica da zona sul carioca observou-se que a ordem é cooptar tudo que desvie do padrão. E nada, na atualidade, é mais divergente do padrão do que a gordura a exemplo do movimento negro, talvez fosse o caso de criarmos uma ação afirmativa para os gordos!

2.5 O estigma contra a obesidade e suas representações sociais

Segundo Moscovici, (2003, p.37) Representações Sociais É o conjunto de explicações crenças e idéias que nos permitem evocar um dado acontecimento, pessoa ou objeto. Estas representações são resultantes da interação social, pelo que são comuns a um determinado grupo de indivíduos.

O objetivo da teoria das representações sociais é explicar os fenômenos do homem a partir de uma perspectiva coletiva, sem perder de vista a individualidade. Uma conceituação formal, entretanto, Mocovici, (2003, p. 48) se negou a fazer de forma contundente: “a demanda por exatidão de significado e por definição precisa de termos pode ter um efeito pernicioso, como eu acredito ter tido freqüentemente na ciência do comportamento. Para o autor está principalmente relacionada com o estudo das simbologias sociais a nível tanto de macro como de micro análise, ou seja, o estudo das trocas simbólicas infinitamente desenvolvidas em nossos

ambientes sociais; de nossas relações interpessoais e de como isto influencia na construção do conhecimento compartilhado, da cultura.

Em um interessante artigo que trata a obesidade como um fenômeno social com diversas representações, Fischler, (1995, p. 76) tenta construir uma classificação dos estereótipos morais ligados aos obesos.

Uma das primeiras coisas assinaladas pelo autor é o caráter de ambigüidade que as representações sociais sobre a gordura assumem no imaginário atual. Damos aos obesos um tratamento contraditório e nele, reside um paradoxo importante a ser destacado: aos gordos, associamos estereótipos como simpatia e amabilidade, por outro lado, sua imagem inspira a lipofobia como um sintoma social. E é neste horror à gordura, que uma série de técnicas de emagrecimento é forjada e avalizada pelos discursos construídos nas malhas da cultura.

Na contemporaneidade, a obesidade assume a forma mais representativa de aleijamento social. Com relação ao julgamento social sobre a gordura, chamamos a atenção para a mais interessante contribuição que o texto de Fischler (1995, p. 79) nos oferece: a criação de dois tipos fundamentais de estereótipos morais referentes à obesidade. Nesta classificação, o autor divide os obesos em dois grupos que variam de acordo com determinados padrões de comportamento e cujas denominações são as seguintes: **obesos benignos e obesos malignos**. “No primeiro grupo, o autor enquadra o indivíduo de comportamento expansivo, extrovertido, brincalhão a típica gordinha boa praça”, que parece querer desculpar se pela inadequação física compensando, tal fato, através da convivência agradável. Já no segundo, figuram as pessoas que se negam a efetuar qualquer tipo de transação simbólica com vistas a serem socialmente aceitas. Frases do tipo: **gordo tem obrigação de ser simpático**, ilustram bem o que autor tenta demonstrar em seu argumento.

Ao que parecem, as pessoas bonitas têm prerrogativas. Ao vermos uma pessoa muito bonita parecemos desculpar todo e qualquer tipo de defeito de caráter. Inversamente proporcionais aos comentários depreciativos em relação às pessoas gordas, são aqueles associados aos indivíduos de bela de aparência. Aos belos, tudo é desculpado e permitido, pois a beleza, em si, é a moeda de troca.

Não havendo qualquer tipo de restituição simbólica que possa despertar a piedade alheia, os gordos pertencentes ao ultimo grupo são mantidos excluídos, feito párias sociais, pois já não participam das regras do jogo social.

Não à toa, na sociedade contemporânea, os obesos são denominados “malignos” ou “malditos” como no jocoso termo empregado por Fischler, (1995, p. 82), Possui também, um comportamento visto como depressivo e por isso, desprovido da obstinação necessária para a contenção de suas medidas corporais. Enfim, sua imagem demonstra certo desânimo perante a vida e traduz fracasso no agenciamento do próprio corpo e dos seus limites. Numa sociedade como a nossa, na qual o máximo da valoração social não reside na realização das ideologias/utopias, mas na realização dos projetos individuais, nada, então, mais antipático e que desperte menos solidariedade do que um indivíduo incapaz de empenhar-se no projeto pessoal da boa aparência.

Se, historicamente, as mulheres preocupavam-se com a sua beleza, hoje elas são responsáveis por ela. De dever social (se conseguir, melhor), a beleza tornou-se um dever moral (se quiser eu consigo). O fracasso, não se deve mais a uma impossibilidade mais ampla, mas a uma incapacidade individual. Enquanto nos séculos passados podíamos culpar a natureza, na contemporaneidade, a negligência é a responsável e a culpa é individual.

Segundo Baudrillard (1970, p. 65) o que hoje podemos observar é a moralização do corpo feminino o que indica a passagem de uma estética para uma ética do corpo feminino. Partindo, então, da premissa de que os imperativos estéticos são, simultaneamente, produzidos e reforçados por expectativas socialmente instituídas, é possível concluir-se que é a relação com a alteridade, ou seja, com o olhar do outro, que atribui uma avaliação demasiadamente depreciativa a respeito da imagem corporal que o sujeito constrói sobre si. Nota-se, contudo, que ao descrever a própria imagem, o indivíduo tende em querer desvencilhar-se dos adjetivos mais depreciativos, fazendo uso de eufemismos e diminutivos para mascarar sua real aparência.

É interessante notar a maneira peculiar e afetuosa, parecendo muitas vezes negar a realidade, como as maiorias das mães de crianças obesas descrevem seus filhos, referem-se aos mesmos como gordinhos cheinhos ou gulosos, enquanto na escola seus colegas utilizam-se de adjetivos agressivos e que denotam uma evidente depreciação moral: (balofo, hipopótamo, paquiderme, rolha de poço...) Usando este tipo de denominação, as mães parecem desculpar seus filhos perante a sociedade, que os encara como glutões e inadequados. É também através da adjetivação carregada de afeto que fornecem a valoração não encontrada

socialmente. Fischler (1995, p. 84) sublinha, ainda, um outro tipo de julgamento moral que surge de forma recorrente no imaginário social. Nele, indagamo-nos se os gordos são vítimas do seu metabolismo e da sua carga genética ou, culpados por um comportamento transgressor com relação à comida.

De acordo com a enquête feita pelo autor, um número expressivo de pessoas atribui aos obesos a responsabilidade por sua condição, ou seja, são considerados, simultaneamente, descontrolados e com uma voracidade desmedida. Embora, socialmente, compreendidos possuidores de uma espécie de compulsão, no caso da glotoneria, o sentimento moral de culpa e responsabilidade não lhes é aliviado. Como bem aponta o autor, as categorias que representam a gordura, a magreza e a obesidade mantêm-se, relativamente, estáveis ao longo dos séculos. Contudo, é preciso que estejamos atentos, pois são os critérios que determinam o limiar entre uma e outra, que sofrem grandes variações.

Em última análise, nota-se que na atualidade a tolerância para com a gordura diminuiu drasticamente, chegando, até mesmo, a ser enquadrada na forma de uma categoria de exclusão. Carregada de estereótipos depreciativos, a gordura dá lugar a magreza, que é, então, positivada e exaltada. Assim, a mesma cultura que elege o corpo como locus privilegiado dos investimentos individuais produz, simultaneamente, sujeitos lipofóbicos e o atual estado de corpolatria.

III – MULHERES OBESAS DE BAIXA RENDA EM MACAPÁ

A pesquisa de campo foi realizada através de entrevista dos dias 06/07/10 á 11/11/10 com vinte mulheres de baixa renda que moram na periferia da cidade de Macapá, sendo cinco de cada bairro como: Renascer, Infraero, Pantanal e Perpetuo do Socorro.

É importante salientar a expectativa com o qual essas mulheres querem ter um corpo magro. Sugeriram que, se fosse possível, deixariam o seu corpo emagrecendo e, enquanto isso estaria cuidando das tarefas do dia-a-dia. Se fosse possível, certamente o fariam. O que demonstra não fazer esforço, pouco comprometimento, não visualizar as causas do problema.

Existiu como resultado da pesquisa um trabalho de aprendizado amplo que incluiu desde o conhecimento teórico do objeto estudado até o estilo de vida das mulheres entrevistadas. Vale ressaltar aqui a complexidade da obesidade e suas múltiplas origens e seus reflexos na vida das entrevistadas.

Foi observado como resultados as vivências que trouxeram a conscientização da obesidade, avaliação das condições de vida, das resistências, das lutas diárias e das doações desmedidas.

O primeiro critério de avaliação foi o a investigação do nível socioeconômico destas mulheres, e o estado emocional como: angústia, ansiedade, depressão, sentimento de rejeição, estigmas e exclusão.

No decorrer das entrevistas, criou ramificações da proposta inicial, que seria avaliar as causas da obesidade. A dor emocional e psíquica apresentada pelas mulheres, suas condições de vida precárias, apareceram como problemas sobrepostos à obesidade, possivelmente indicando outras causas.

A pesquisa de campo teve início com entrevistas com vinte participantes e, como tudo que se inicia voluntariamente sofre uma depuração, houve muita dificuldade de abordar essas mulheres, em função delas serem as primeiras a se discriminarem.

3.1 Mulheres obesas e a questão social

3.1.1 Casamento

Nas falas das mulheres aparece com freqüência a obesidade relacionada ao casamento e gravidez. Kaufman, (2000, p.103) sugere que o excesso de alimentação e casamento pode ter uma interação importante. É sempre oportuno lembrar que o excesso de peso não deve ser encarado isoladamente, mas dentro de um contexto, que tem a ver com o estilo de vida da pessoa, onde se incluem sua auto-estima, os sentimentos sexuais e a satisfação conjugal. *Eu engordei depois da cesariana, antes eu era magra, quando nascem os filhos não temos mais tempo pra nada (MJ., 54 anos).*

Ainda segundo Kaufman, (2000, p. 105), engordar após o casamento é um fato extremamente comum. Sentindo-se mais segura por considerar-se "garantida", a mulher pode achar que é tempo de abandonar os sacrifícios do regime e "premiar-se" com as guloseimas que aprecia, dos quais era antes obrigada a privar-se.

Kaufman (2000, p.107) se refere à insatisfação conjugal que pode chegar a um ponto em que as carências emocionais e sexuais são confundidas com a fome física, podendo ser atendidas concretamente, ainda com a vantagem de não depender de ninguém (entenda-se o marido) para se satisfazer.

Nos casamentos medianamente infelizes a estabilidade da relação parece ser mais importante do que o amor-próprio e do que o próprio corpo. É principalmente nestas mulheres desassistidas afetiva e sexualmente que podemos observar como o lado feminino erótico e lúdico fica compactado dentro da gordura e da excessiva massa corporal: *Comecei a engordar depois que casei, tem que fazer comida todo dia.*" (MJ., 54 anos).

O marido também boicota o regime da mulher quando obtém benefícios secundários da obesidade desta. Os motivos são vários, desde o medo da infidelidade dela (caso fique magra) levando a ciúmes, suspeitas, temores e ataques, passando pela falta de interesse sexual ou até impotência (em que a gordura é "culpada") e chegando até a própria obesidade masculina, pois é possível que ele se sinta desmoralizado e menos atraente sexualmente se apenas ela

emagrecesse Kaufman, (2000, p. 106). *A vida de casado engorda pois as preocupações são dobradas* (E., 50 anos).

Talvez se o casamento não lhes fornece a sonhada gratificação sexual e afetiva, possam recorrer à comida no papel de substituto.

Como diz Kaufman, (2000, p. 106). “o comer até que o ego caia no inconsciente torna-se paródia do orgasmo; por trás disso, está o forte desejo de libertar-se da tensão na paz, no sono e até na morte” confirmando as falas que se seguem: *cada filho que tinha engordava um pouco... aí, na menopausa desandou* (T., 56 anos).

Foi comum observar a referência do intensificar da obesidade diante de determinados marcos pessoais, muito bem sintetizados na fala de uma das mulheres. *A vida de casado muda os hábitos, é preciso ter as três refeições, então cada dia engorda uma coisinha* (., 50 anos).

As explicações para o processo de ganho de peso também surgem vinculadas a outras causas, como novos produtos no mercado ou acompanhar a família nas três refeições.

Aos poucos foi constatado que é fundamental investigar qual o sentido da manifestação do sintoma da obesidade, dentro do marco histórico de cada mulher.

3.1.2 Atividades sociais

Para Campos, (1998, p.40) as atividades sociais são importantes, uma vez que integra o indivíduo de forma consciente no contexto social e cultural a se relacionar com outras esferas da vida social, como a cultura, as relações materiais de produção e a política.

Segundo o autor tem relação com a satisfação, a qualidade de vida, o não trabalho, enfim, com a fuga das pessoas às obrigações, tanto profissionais quanto familiares e sociais. A qualidade de vida tem sido definida como uma percepção do sujeito em relação à sua posição individual na vida, no contexto de sua cultura e sistema de valores nos quais ele está inserido e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. É um conceito de alcance abrangente afetado de forma complexa pela saúde física, estado psicológico, nível de independência, relações sociais e relações com as características do meio ambiente

do indivíduo. Em vidas onde trabalhar é necessário para a sobrevivência, as obrigações diárias entram em conflito com o tempo de relaxamento, de liberdade, com tempo para se divertir. *Vou toda semana para igreja... é bom, acalma... lá também tem outras pessoas a gente conversa (T.,56 anos).*

Boa parte das entrevistas era formada por protestantes evangélicos decorrentemente quando se referia ao lazer falava da igreja, televisão e supermercado:

A televisão distrai... a televisão mostra coisa bonita... na igreja é bom, a gente ora, esquece da vida; a televisão tá aí! para motivar a gente a comer... você é gorda de comer (MJ., 54 anos).

Campos, (1998 p.43) em um estudo sobre os anúncios televisivos, detectaram que a categoria alimentos foi a mais veiculada, representando 27,47% de todas as propagandas, e do total dos anúncios alimentícios quase 60% eram representados por gorduras, óleos, açúcares e doces com a completa ausência de frutas e vegetais.

As entrevistadas sugerem que ir ao supermercado exerce o mesmo fascínio que os *shoppings centers* têm sobre as classes médias e altas. São lugares de compra e lazer. *Para nós de baixa renda, ir ao supermercado é um grande passeio e fico de olho nas promoções (T.,56)*

O meu marido quando briga comigo me leva ao supermercado para ficar de bem, e insiste que eu leve alguma coisa: - leve isto, você gosta tanto! Acabei com isso, ficar de bem através do Supermercado (E., 50 anos).

Infelizmente, em Macapá ainda existem grandes limitações ao lazer às classes menos privilegiadas. Não por acaso, o corpo obeso aparece como cúmplice da história de vida destas mulheres e, através dele, que encontram refúgio para os dilemas que a vida impõe.

3.1.3 Sentimento de exclusão e privações

A questão da exclusão para Freud (1905, p.25), se configura como um processo complexo, que envolve o homem e suas relações com os outros. As subjetividades contidas na exclusão manifestam-se, no cotidiano, através da identidade, sociabilidade, afetividade, consciência e inconsciência.

Quando chego à loja as pessoas perguntam: 'é para você?', já com aquela cara de que vai dizer não cabe ou não tem a sua numeração. Tenho de emagrecer! (F., 43 anos)

Sempre tive vergonha do meu corpo, me escondia embaixo das roupas grandes. Não gosto do meu corpo. (F., 43 anos)

As mulheres demonstram sofrimento frente às transformações do seu corpo: *Preta, pobre, e..casada com branco(FC. 32 anos).*

Freud, (1905, p.25) considera a obesidade como um sintoma significativo da personalidade total, considerando o corpo como expressão das atitudes instintivas do indivíduo. O autor entende a hiperfagia como um hábito nocivo e equipara a ingestão excessiva de comida à adição ao álcool ou a drogas ilícitas. Ele fala da subjacente psicopatologia da adição no desejo inconsciente de experimentar novamente a satisfação que o bebê obtém da ingestão de comida.

Com relação às privações Campos, (1998 p. 50), alerta que muitas vezes a própria sensação de fome amedronta determinados indivíduos, principalmente quando tiveram experiências indesejáveis no passado como, por exemplo, quando não dispunham de comida suficiente na infância. Por essa razão, muitas pessoas comem antes que possam sentir fome. Nas falas das entrevistadas esse comportamento de compensação emocional em situações de privação aparece.

Observamos alguns comentários que elas ouviam quando crianças, vejamos: *Coma que amanhã não tem! (FC., 42 anos) Não coma pela aparência.. coma o que tem. (E., 50anos) Não coma tudo, ainda tem os outros. (MJ., 54 anos)*

Em “Inibições, sintomas e angústia” Freud, (1908 p.78), correlaciona de modo mais sistemático a questão da angústia com o comer e as patologias alimentares. A função da nutrição é, com a maior frequência, perturbada por uma falta de inclinação para comer, acarretada por uma retirada da libido. Um aumento do desejo de comer também não constitui coisa incomum. A compulsão para comer é atribuída ao medo de morrer de fome, mas isto é um assunto pouco estudado. Podemos observar que a ameaça de privação apresentou características comuns em todos os relatos. O controle alimentar remete à privação de alimentos na infância: *Será que comemos tanto pela fome que passamos? (F., 43 anos)*

A relação de idealização que se estabelece com a comida e com o corpo magro, enquanto objetos de desejo é uma relação narcísica, que, como assinala

Campos (1998, p.87), se refere à “atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo (ou outro objeto) da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado: *Coma para não ficar doente; se não comer fica magra e fraca* (F., 43 anos)

Podemos considerar certa valorização implícita do corpo obeso nas entrevistadas. E o corpo magro associa à privação de alimentos, à fraqueza e à doença.

3.1.4 Hábitos alimentares

Na alimentação Segundo "Kaufman, (2000, p.102), os hábitos alimentares fazem parte da cultura e da história de um povo onde são condicionados pela disponibilidade de alimentos e determinados pela interação de muitas variáveis que perfazem um processo dinâmico de transformações no tempo. Para o autor a escolha do alimento está ligada à cultura. Comer é um ato orgânico que a inteligência tornou social. A alimentação não pode ser tratada apenas do ponto de vista biológico, pois o aspecto cultural faz a passagem de uma geração à outra, seja através de técnicas agrícolas seja através de novos produtos e formas de beneficiamento e processamento para torná-los prontos e comestíveis. Comer é um ato social, enquanto nutrir-se é uma atividade biológica. Por isso, o consumo de alimentos não se prende apenas à necessidade, mas à sociabilidade, à cultura, às crenças e tabus, à tecnologia e hábitos construídos por um grupo social. Kaufman, (2000, p.102) afirma que a alimentação envolve um conjunto de valores e significados que são de ordem cultural, psicológica, social e simbólica. A relação entre comida e prazer é muito próxima. Assim, ao construir uma rotina alimentar, o profissional interfere em vários aspectos da vida de indivíduos ou grupos.

De fato, pareceu-se, inclusive, que o medo da fome não é libertado com facilidade da vida destas mulheres assim como a importância da quantidade de comida no prato e a valorização da “barriga cheia” como sensação prazerosa. A falta de comida é associada à fome, à miséria, à doença, à morte. Algumas mulheres manifestavam preocupação constante com a possível falta ou abundância de alimento em casa, pela qual é avaliada sua condição econômica. *Se tenho comida*

em casa aí eu estou bem... geladeira de rico é cheia de comida gostosa... (F., 43 anos).

Foi observado nas entrevistadas que existia uma alimentação descontrolada. Com freqüência não tomam café da manhã. *“... não tomo café da manhã, saio muito cedo, só como uma coxinha e um refrigerante, e só depois que arrei a barraca (S., 30 anos).*

A base da alimentação é o almoço e o jantar. Fazem com freqüência sua primeira refeição (quando é feita) em ponto de ônibus enquanto esperam a condução, ou mesmo no local de trabalho. *Enquanto espero o ônibus tomo um refrigerante e como um cachorro quente que vem de tudo e custa 1 real... (M., 42 anos).*

Na alimentação destas mulheres raramente aparecem frutas e verduras, tendo como base arroz, feijão, macarrão e “mistura”, como chamam as carnes: *Fruta e verdura não dão sustança, não enche barriga (T., 56 anos).*

São referidos alimentos que podem proporcionar a sensação de ‘barriga cheia’, talvez pelo tempo que levam para serem digeridos. Observou-se, também, com muita freqüência, a utilização do refrigerante, o uso em excesso do açúcar e do óleo, através de comentários como: *gosto de café bem doce.* (este “bem doce” representa três colheres de açúcar para cada xícara...). *Como todo dia pão frito no óleo na frigideira (F., 43 anos).*

Essa e algumas outras falas nos remetem a Kaufman, (2000, p. 72), quando fala da relação inconsciente de associar a comida, com amor, carinho, bem querer, com afeto. A literatura médica e não médica tem produzido e divulgado inúmeros estudos relacionando a ingestão de açúcar (glicose) com a sensação de bem-estar. O acúmulo de gordura no organismo, por sua vez, parece estar associado a ‘uma reserva alimentar para os tempos onde a caça rareava’ desde a época pré-histórica.

Para Campos (1998, p. 56): “O obeso é voraz, e sua voracidade um buraco negro, que ele tentará preencher com o alimento, sobretudo com o açúcar”.

A administração da alimentação da casa são elas que fazem. Têm o hábito de prepararem a refeição logo cedo e deixar no fogão, de forma que vai sendo requentada à medida que cada pessoa vai se servindo. Elas alegam a ausência de frutas e verduras por conta do preço e por serem perecíveis, enquanto os grãos duram mais. *Não gosto de salada, gosto de carne e arroz. Como*

muito esfirra de frango e refrigerante (F., 43 anos).

Desta forma, podemos sugerir que o critério de escolha dos alimentos muitas vezes se dá pela falta de adequada informação da alimentação saudável, mas também pelo valor monetário: o preço dos itens define em algumas situações a seleção dos alimentos.

Observou-se nestas mulheres certa atração por alimentos gordurosos e açucarados. É preciso salientar que a preferência por açúcar pode estar relacionada à cultura do Brasil, onde a sacarose é popularmente usada como sedativo ou elogio: “tome uma aguinha com açúcar para se acalmar”, ou “fulano é um doce de pessoa”. A satisfação associada ao prazer que estes alimentos conferem intensifica a preferência por alimentos doces. Não comemos somente nutrientes, comemos afetos, prazeres, saúde, ansiedades, doces lembranças do passado.

3.2 Mulheres obesas e a questão psicológica

3.2.1 Ansiedade e a Relação com o corpo

De início, as mulheres apresentaram a ansiedade como justificativa para a ingestão descontrolada de alimentos, como evidenciado na fala abaixo: *A ansiedade dá vontade de comer e este é o problema (F., 43 anos).*

Como apontado anteriormente, a obesidade, além de elevar o risco de doenças que oferecem fator de risco mais alto, também favorece o aparecimento de problemas psicológicos. Lembremos que segundo (Kaufman, 2000, p. 34) a obesidade pode ser causa de sofrimento, depressão e de comportamentos de esquiva social, que restringem a qualidade de vida.

Para Kaufman (2000, p. 67), todas as manifestações humanas são, simultaneamente, físicas e psíquicas. A especificidade ocorre apenas na área em que as reações associadas às mesmas tornam-se mais evidentes; sendo assim todas elas pertenceriam à esfera "psicossomática" e não somente aquelas que se manifestam predominantemente no corpo.

Kaufman (2000, p. 68) acrescenta a vivência de situações que identifica como episódios de "exploração corporal", ou seja, experiências que inscrevem no corpo "marcas" a partir de uma história de exploração e alienação social: doenças ocupacionais, acidentes de trabalho, fome, espancamento, violência sexual e outros.

A fase oral, descrita por Freud, (1995, p. 78), revela o fato de que a primeira forma de prazer do bebê acontece através da boca e especificamente do ato de sugar o leite materno, relacionado ao prazer e à incorporação. Não seria esta ansiedade acalmada com lembranças da infância, onde o ato de comer era acrescentado de amor e carinho? Será que esta compulsão bucal desmedida apresentada não remeteria aos acaletos da infância?

Como sugerido por Kaufman, (2000 p.89), a interação da mãe com o bebê e, posteriormente, a interação da família com a alimentação da criança, podem constituir fator fundamental no surgimento de alguns casos de obesidade: *Sou muito ansiosa...toda hora procuro o que come*" (F., 43 anos).

Para Kaufman, (2000 p.89), nas primeiras horas de nossa vida o prazer entra pela boca, os sentidos começam a ser aguçado, junto com o leite, o bebê recebe o sabor, o toque e o cheiro de quem o alimentam. Neste momento aparece a presença ou a falta de afeto. E aí é iniciado o caminho da vida pela boca, a busca do alimento para preencher os vazios e lacunas deixadas pela dor. Entretanto, podemos entender que a relação com a comida pode ser considerada um sintoma capaz de interação da pessoa com o mundo e consigo mesmo.

Segundo Kaufman, (2000 p.91) também pode ser entendido o excesso de ingestão de alimento como uma forma de preencher vazios existenciais, aspecto que não pode ser desconsiderado em qualquer conduta de tratamento da obesidade, se refere à "*fome emocional*" como utilização da comida para apaziguar inquietações emocionais.

Kaufman (2000 p.89) considera a "fome física", como nossa necessidade de reabastecimento de nutrientes o que o nosso corpo precisa para a saúde. A "fome emocional", ou psicológica, é a fome que não tem ligação com a necessidade orgânica. Implica em comer apenas porque a comida está lá; porque tem pena de jogar fora; porque sente ansiedade; porque está triste, frustrada, o que nos faz comer mais, apesar de já estarmos satisfeito.

No que se refere à questão do corpo, para Campos, (1998 p. 56), o corpo está sempre sendo construído e desconstruído socialmente, o que poderia ser a forma

pela qual o ser humano apresenta “manifestações corporais”, psíquicas e sociais. O autor se refere às mulheres do seu estudo que trazem de forma clara, no corpo obeso, a expressão de suas condições de vida e de seu sofrimento emocional, embora esta relação muitas vezes não seja por elas percebida. Tal fato foi igualmente percebido pelas mulheres observadas neste trabalho.

Campos (1998 p. 56) aponta como indicativo da imagem corporal a excessiva preocupação da pessoa pela sua obesidade. O peso é o que mais lhe interessa a dificuldade para se ver no espelho, não se reconhecer no seu tamanho real quando engorda ou emagrece. O autor denota que algumas pessoas, cujo excesso de peso tem início na vida adulta, mantêm uma imagem na memória enquanto magras. A imagem corporal desta pessoa, fixada na infância, aparece como imutável, apesar da realidade ser outra, a de estarem de fato obesas. Esta negação inconsciente da realidade bloqueia o progresso na direção do emagrecimento ou de se fazer dieta. Além disso, o que parece motivar as pessoas para emagrecer e se manter magras, está relacionado com sua habilidade de ter uma imagem real, substituindo a distorção da imagem corporal.

As entrevistadas tinham como principal característica a indisponibilidade para não serem mulheres cuidadosas, elas não têm tempo nem olhos para se ver ou cuidar de si. Surge a consciência do corpo com sobre peso: *Eu preciso emagrecer, porque o médico mandou (T., 56 anos).*

A consciência da obesidade aparece quando o profissional de saúde diz que é necessário o emagrecimento por alguns possíveis comprometimentos orgânicos. *Preciso emagrecer por causa da pressão alta” (T.,56 anos).*

Observou-se que elas só se permitem sentir o corpo adoecido ou com dor, o que as impossibilita de trabalharem, fazendo com isto prestar atenção em si e procurarem ajuda. “Foi também observado que algumas mulheres não se percebem obesas ou que a obesidade para elas pouco se relaciona à estética ou à saúde: *Estou com dor nas costas” (FC.,52, anos);*

Campos, (1998, p.102) que estudou a imagem corporal em indivíduos obesos, considera o transtorno da auto-imagem como um fator psicopatológico do indivíduo. Para o autor o distúrbio da imagem corporal é encontrado em torno de 40 a 50% dos obesos e essa alteração dificulta o prognóstico; é como se disséssemos que o "corpo emagrece e a cabeça continua de gordo, ou seja, como a cabeça é poderosa

o corpo volta a ser gordo Existe certa dificuldade com as conciliações médicas e o cotidiano destas mulheres:

Já tentei de tudo, não tem jeito, os médicos mandam a gente fazer exercícios e comer produtos caros, aqui não tem essas coisas de integral, a gente come o que tem em casa e o que o dinheiro dá para comprar (T., 56 anos)

3.2.2 Vaidade e Sexualidade

Nas falas das entrevistadas sobre vaidade tiveram alguns depoimentos interessantes:

Quero ficar fina, sem peito, quero colocar as roupas como minha irmã, ela parece uma executiva, só anda maquiada, e essa roupa que uso me deixa parecendo grávida. (F., 43 anos)

Aos poucos, foi surgindo nas entrevistadas sementes de vaidade que precisavam ser regadas para poder brotar. “*Quem não se enfeita, a si se enjeita.*” Uma das pacientes falou:

Sou vaidosa, gosto de cremes e perfumes. Agora estou comprando até perfume d a, me arrumando mais e meus filhos perguntam: ‘mãe você tá querendo arranjar um namorado?’... Sou viúva há treze anos. (T., 56 anos)

Quando pensamos em corpo na atualidade, rapidamente nos remetemos à discrepância entre o corpo do obeso e o protótipo de corpo considerado ideal. Sobre a questão da beleza, Campos, (1998, p 96) faz referencia, que na vida a felicidade é predominantemente buscada na fruição da beleza, onde quer que esta se apresente a nossos sentidos e a nosso julgamento, para o mesmo autor a atitude estética em relação ao objetivo da vida oferece muito pouca proteção contra a ameaça do sofrimento, embora possa compensá-lo bastante. *Meu corpo é feio e se pudesse fazia uma plástica... mas não me inibe de namorar. Sou mãe solteira. (F.,43 anos)*

A negação e insatisfação com o próprio corpo traduzem um mal-estar interiorizado de uma ruptura entre si e o que se exige de si. Os sentimentos de baixa auto-estima correm paralelos a esta constante insatisfação. A idéia do emagrecimento parece que se apodera destas mulheres e as tornam mais confiantes e aos poucos vai suavizando a insatisfação consigo mesma.

Talvez eu tenha que lutar mais para conseguir o que quero. Lutar com a balança, com a comida e arrumar tempo para me cuidar, cuidar da aparência, olhar mais para mim. (FC, 52 anos)

Inicia um novo processo em suas vidas, um processo de permissão para o seu bem estar, do direito de cuidar também de si.

Para Campos, (1998 p.45), o corpo obeso é um corpo marcado pelo excesso de comida e pelo vazio afetivo, inchado no prazer e no desprazer, e movido pela fome. Aqui, a fome é uma necessidade humana de regular o balanço energético e garantir seu desenvolvimento. Entretanto, mesmo depois de supridas as carências nutritivas, o ser humano obeso continua comendo, como se houvesse uma falha entre o sinal corporal de se sentir repleto de comida e o sinal psíquico correspondente. Para o autor, essa falha está diretamente ligada à falta de simbolização de um sofrimento que encontrou como válvula de escape satisfação no comer: *...tem que gostar de si própria, comer menos e fazer mais caminhada... Agora quem gosta de mim sou eu.... tenho que cuidar de mim (F., 43 anos)*

Em suas metamorfoses, ao sabor de seus fantasmas e dos modelos culturais impostos, o corpo fala de seus medos ou de seu abandono e de sua entrega a poderes reguladores. *Tenho que continuar perdendo peso, e achar um tempinho para ir para nataçãõ, fazer um sacrifício para não gostar tanto de comida (MJ., 54 anos)*

A maneira como o indivíduo lida, sente e percebe o seu corpo reflete sua realidade, constituída de sentidos, imagens e significados dentro de um universo simbólico,

Acordar e lutar para emagrecer, olhar mais para mim mesma. Nós costumamos olhar muito para os outros, temos que olhar mais para nós mesmos. Tem que ter muita força de vontade. (E. 50 anos)

Procurou-se de início focar na alimentação para aos poucos ir pesquisando estilos e modos de vida, traumas, vazios, compensações que possam auxiliar na compreensão das falas e achados: *Tenho um filho doente, ele é excepcional, quando dou comida a ele como junto para mostrar como se come. (SD., 25 anos)*

Observou-se o empenho desta mãe ao alimentar seu filho, a culpa que pode estar escondida por ter gerado uma criança doente, a importância da comida para melhorar a saúde e o esforço para que este filho tenha um pouco de independência.

Ela complementa: *Meu menino, quando deixa resto no prato, eu como para não estragar, é pecado jogar comida fora, tanta gente passando fome, né?* (S. 30 anos)

Mais uma vez aparece nas falas à culpa e começa a surgir o sofrimento no qual estas mulheres foram criadas:

Tem muita vontade dentro de mim que minha mãe não tinha. Meu pai bebia muito e tudo da casa era por conta da minha mãe, ficávamos assustados todo final do dia sem saber se ele chegaria bêbado ou não... Tinha que comer o que tinha em casa, às vezes minha mãe não tinha o que dar para comer aos filhos. E hoje tenho que fazer dieta! Você se pega pensando: passei tanta vontade e agora posso e tenho que controlar. Se eu estou viva muita coisa eu posso realizar. Estou ainda me sentindo pesada, mais vou conseguir meu objetivo. (T.56 anos)

Foi detectado que o desafeto que aparece nas vidas destas mulheres talvez seja atenuado com comportamento compulsivo, como o desejo desenfreado de comer. E., 50 anos, cuida de uma irmã portadora do HIV, transmitido pelo marido e faz hemodiálise:

Quando ela fica ruim eu também fico... meu cunhado às vezes a maltrata. Mesmo debilitada ele pega a força para ter relações sexuais, é um monstro. A gente vê tanta coisa que até se esquece da gente. (E., 50 anos).

Conforme afirma Freud, (1908, p. 102), dentro do desamparo há um masoquismo circulante e, neste caso, o conceito de masoquismo circulante será fundamental para se compreender a obesidade.

Sempre soube que minha obesidade estava ligada ao estresse, querer mudar o mundo, querer mudar a Igreja. O dogma da Igreja Católica é muito pesado. Meu marido trabalhou para a Igreja anos e anos, e porque resolveu casar perdeu tudo, não tem direito a (FC., 62 anos).

Campos, (1998, p. 34), afirma que a comida é como um narcótico para a pessoa obesa e que esta procura no alimento um escape das situações estressantes da vida. Além disso, o autor ressalta o papel da hostilidade na hiperfagia, aumento anormal do apetite ou ingestão excessiva de alimentos, mostrando que a agressividade e a hostilidade reprimidas são uma das mais freqüentes e importantes causas do comer em excesso. *Meu pai que era muito violento, espancava muito minha mãe. A gente não passava fome porque minha mãe criava galinhas* (T., 56 anos).

Elas demonstravam dificuldade de falar sobre sua história de vida, principalmente sobre a infância. Sempre desviavam o assunto falando de comida. Falavam que na infância a comida era preparada com banha de porco e que a carne era guardada em latas com banha, riam e se descontraíam com as lembranças.

Na sexualidade destas mulheres que não é uma dimensão isolada na vida de cada uma; é uma somatória integrada do orgânico, do psíquico, e só se realiza no plano social. A boca representa uma parte íntima do nosso corpo. Na boca manifestam-se, de forma direta ou simbólica, sintomas influenciados pelos instintos básicos do homem. A boca é gratificante, pela alimentação e por aspectos relacionados ao sexo; associa-se também a várias manifestações de hostilidade e agressão. Seu erotismo começa no desenvolvimento da personalidade (fase oral), explicado por FREUD (1905, p. 89).

Foi muito interessante observar como elas colocaram as respectivas sexualidades: é como se a mulher tivesse que servir sempre aos caprichos sexuais do homem, e quando conseguem dizer *não* e o companheiro aceita, ele já é muito bom. Essas colocações remetem ao questionamento de algumas possibilidades: será que estas mulheres sabem o que é o prazer em uma relação sexual? E quanto aos homens? As mulheres seriam para eles apenas depósitos de espermatozóides e cozinheiras, eternamente ao seu dispor? Instiga-nos ainda a considerar sobre o que seria o medo da separação. O que as mantém casadas ou com *o quê* estão casadas? *Meu marido é muito bom para mim, ele nem bate em mim.* (MJ., 54 anos)

O desejo muitas vezes tem componentes inconscientes, o que pode nos levar a acreditar que manter-se obeso pode satisfazer determinados aspectos psíquicos do sujeito, como, por exemplo, evitar o sexo.

Com este relato podemos relacionar a obesidade como defesa da sexualidade. Observando a história das entrevistadas, todas engordaram após uma gravidez ou o casamento. *Mulher enjoa de sexo... mulher cansa, homem não* (T., 56 anos).

Se a auto-estima está baixa, logo evitam o contato com outras pessoas, reduzindo as possibilidades de uma vida sexual ativa. Para Freud, (1908, p. 78) é neste momento que o obeso, sentindo-se inadequado, troca o prazer sexual pelo prazer da comida, agravando mais ainda o problema.

De acordo com o pensamento de Freud, (1908, 82), existe relação entre comer exageradamente e sentir frustração sexual. Nem todas as pessoas sexualmente frustradas comem exageradamente, mas o inverso é verdadeiro: as que comem de

forma compulsiva não se sentem sexualmente gratificadas (com sensação de plenitude, calma e satisfação). A pessoa sexualmente realizada tem um contato satisfatório com seu corpo, percebe as suas necessidades e procura racionalmente atendê-las. Segundo o mesmo autor, várias mulheres, ao se tornarem adultas, engordam com medo de serem transformadas em objetos sexuais. Outras ficam obesa como forma de neutralizar sua identidade sexual perante as outras pessoas; para estas, o peso constitui-se uma proteção, por trás da qual se escondem: *homem quer todo dia, aí a gente tem que fazer se não ele fica com raiva* (M.J., 54, anos).

Foi notada nas falas destas mulheres certa submissão e medo: *Às vezes a gente não quer, mas a gente depende deles, aí tem que fazer* (T., 56 anos).

Freud, (1905, p.43) comenta sobre o prazer ligado à dor: na posição masoquista, o sujeito se agarra ao outro, oferecendo a esse outro o próprio corpo, que servirá de objeto de prazer. Dessa forma, ele evita, a todo custo, a tragicidade da experiência de desamparo. A solidão contida no desamparo é insuportável para tal indivíduo, de forma que ele prefere se agarrar ao outro a suportar a própria angústia. Assim, o que caracteriza o masoquismo não é o desejo de ser humilhado ou de sentir dor, pois ambos os desejos surgem de maneira secundária, e são derivações da impossibilidade de suportar o desamparo.

Para Freud, (1905, p. 48), o objetivo fundamental da atividade mental é obter prazer e evitar o desprazer, e o sintoma, ao ser examinado do ponto de vista econômico, surge para controlar as quantidades de excitação e evitar sua acumulação no aparelho mental (que gera o desprazer). As excitações são sempre produzidas; entretanto, algumas são impedidas de atingir seu alvo e empurradas para muitos outros caminhos. O resultado pode se aproximar de uma vida sexual normal (restrita, na maioria das vezes), ou complementada pela doença psiconeurótica.

A obesidade pode ser um mecanismo de defesa utilizado pela obesa para negar sua sexualidade, para proteger-se do assédio dos homens. É como se seu objetivo fosse construir um muro de carne entre ela própria e os outros.

As mulheres engordam como uma forma de neutralizar sua identidade sexual.

Muitas mulheres mostram um claro temor de parecerem sexualmente atraentes
FREUD, (1908, p. 58).

F., 43 anos, disse que não possui tanto apetite sexual, acha que é a gordura. Outra acrescentou que só veio conhecer o que é o prazer de uma relação sexual depois do nascimento do terceiro filho.

Freud, (1908, p. 77) assinala que na obesidade há a pobreza da vida sexual do indivíduo. “A necessidade de amor é confundida com a necessidade de comida”. O que pode nos remeter ao período da amamentação onde amor e alimentação talvez fossem à mesma coisa.

O alimento pode representar uma gratificação simultânea da sexualidade e da auto-estima. Campos, (1998 p. 78), afirma que o alimento significa um substituto do amor e do prazer sexual e que certos indivíduos têm convicção de que o prazer sexual é uma coisa má e proibida, buscando, assim, um substituto para este. Nesta situação, a obesidade serve como uma barreira, dificultando as relações sexuais e o prazer oral, da alimentação, substituindo o prazer genital.

Podemos observar nos depoimentos que a busca do alimento aparece quando se sentem rejeitadas, sem dinheiro e sem perspectivas, então usufruem daquele momento como um alento, muito embora logo depois venha a culpa: *Quando eu estou agoniada, aí eu vou e como... não devia ter comido... mas já tô gorda mesmo... (T., 56 anos).*

Logo, essa culpa aparece em busca de coisas para preencher a falta, o vazio.

O que elas sentem é um desejo muito forte, muitas vezes até incontrolável. É quase uma ordem, uma necessidade de comer, à qual não resistem mesmo, comem irracionalmente porque na hora sentem prazer. É um alívio muito grande. Quando acaba vem uma tristeza, um remorso. É um prazer efêmero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o percurso do estudo emergiram vários questionamentos que foram decisivos na tentativa de se buscar respostas as questões levantadas. Percebeu-se que segundo os depoimentos das entrevistadas na cidade de Macapá, a obesidade sem dúvida nenhuma, é geradora de exclusão do sujeito na sociedade em função do seu corpo fora dos padrões da moda. A mulher obesa, ao violar a norma social vigente, torna-se um paradigma estético negativo.

Verificou-se também que as mulheres obesas de baixa renda em Macapá são discriminadas dentro do próprio grupo social, que é a própria família, os vizinhos e os amigos, o que as leva a um isolamento cada vez maior e à busca por preencher seu sentimento de insatisfação por meio da alimentação.

Nos casos mostrados pode-se observar, pela fala das mulheres, a angústia e impotência que as mesmas sentem diante de sua obesidade na sociedade.

Detectou-se no ponto de vista psico-social, que a obesidade tem sua causa e consequência diretamente e/ou intrinsecamente ligada aos fatores emocionais; seja pela ansiedade; angustia; nervosismo e frustrações que são fatores favoráveis ao quadro da obesidade; ou pelo impacto que a mesma possui; na auto-estima do individuo; diretamente relacionada com sua vaidade; relações interpessoais incluindo ainda as relações conjugais se transformando em ameaça (quando impossibilitado da atividade sexual rotineira) ou a segurança (quando fornece a estabilidade do parceiro) se transformando ao mesmo tempo em mecanismo de defesa e ameaça, fazendo com que as mesmas, muitas vezes, sequer se reconheçam como obesas.

Chegou-se finalmente a perceber que, é necessário ter uma atitude positiva de combate a exclusão, aos estigmas que estas mulheres sofrem, pois a obesidade não é um problema de falta de caráter ou relaxamento das mesmas, é uma questão intimamente ligada à cultura, a questão socioeconômica no que se refere á condições de vida precárias e ao psiquismo que vem como forma de alívio a dor através do consumo excessivo de alimento.

A proposta final é que a saúde pública de Macapá tenha um olhar mais atento ao problema da obesidade nas mulheres de baixa renda, vendo assim como um sintoma que precisa ser tratado implantando estratégias para que isso ocorra efetivamente com profissionais como nutricionistas e psicólogos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. "Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas". In *Dialética do Esclarecimento*. Rio: Jorge Zahar, 1985;
- ANTUNES, Delson. *Fora do Sério: Um panorama do Teatro de Revista no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 2002.
- BAUDRILLARD, Jean. [1970] *A Sociedade de Consumo*, Edições 70, SP, 1981
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 5. ed. R BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- CHAVES, Simone.F. A fantasia do real – A mídia e o corpo virtual. IN: XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Anais. MG: Caxambu, 2003.
- COURTINE, Jean.J.(1995) Os Stakanovistas do narcisismo. In: Sant'Anna, D.B. (org) *Políticas do Corpo: Elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo. Ed. Estação Liberdade.
- CAMPOS; ALR. Aspectos psicológicos da obesidade. In: Nóbrega FJ. *Distúrbios da nutrição*. Rio de Janeiro: 1998.
- Ditadura do Corpo: www.cbce.org.br/cd/resumos/078.pdf. Pesquisado em 23/08/10
- DEL PRIORE, Mary. *Corpo a corpo com as mulheres: as transformações do corpo feminino no Brasil*. IN: *Corpos e subjetividade em exercício interdisciplinar*. STREY e ABEDA (orgs.) Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- FELLIPE, Fm. O peso social da obesidade .*Revista Virtual Textos & Contextos*,. 2003; Nº 2, ano II.
- FERREIRA Va. *Obesidade & pobreza: o aparente paradoxo [dissertação de mestrado]*. Rio de Janeiro:Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz;2003.
- FIGUEIRA, Márcia. L.M. A revista "*Capricho*" como uma pedagogia cultura: Saúde, beleza e moda. IN: XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Anais. RS: Porto Alegre, 2005.
- FISCHLER, Claude. (1995) *Obeso benigno, obeso maligno*. In: Sant' Anna, D.B (org.) *Políticas do Corpo: Elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo. Ed. Estação liberdade.
- FREUD, S. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro

- FREUD, S. (1908) Sobre as teorias sexuais das crianças. Obras completas, ESB, Rio de Janeiro.
- FREUD, Sigmund (1930) O Mal-estar da civilização. In: Obras Completas. Edição Eletrônica. Rio de Janeiro, Imago. 2000
- FOUCAULT Michael. *Vigiar e Punir: O nascimento da Prisão*. New York: Vintage, 1988
- GENEGN, Tânia.M.F; SANTOS, Rogério. A apropriação da felicidade pelo consumo. IN: XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Anais. RS: Porto Alegre, 2005.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988.
- HAGUETTE, Tereza; *Metodologias qualitativas na sociologia*. 4. ed. Petrópolis, RJ Vozes, 1995.
- LOWEN, Alexander. *Narcisismo: negação do verdadeiro self*. São Paulo: Editora Cultrix, 1983
- MARZANO-PARESOLI, Maria Michela. *Pensar o Corpo*. Trad. De Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.
- MORIN, Edgard. *Cultura de Massas do Século XX*, volume 1: Neurose. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2005.
- MONTEIRO, Ca. (org.). *Velhos e novos males da saúde no Brasil. A evolução do país e de suas doenças*. São Paulo, HUCI
- NOVAES, Joana.V. (2001a) *Perdidas no Espelho? Sobre o culto ao corpo na sociedade de consumo*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, Puc-rio.
----- (2001b) *Mulher e beleza: em busca do corpo perfeito. Práticas corporais e regulação social*. In: *Tempo Psicanalítico*, n.33. Rio de Janeiro, SPID.
- PERUZZOLO, Adair Caetano. *A circulação do corpo na mídia*. 1. ed. Santa Maria: UFSM, 1998.
- PRIORE DEL Mary I. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história da* SILVA, Ana Márcia. *Corpo, Ciência e Mercado*.
- Segal A. Aspectos psiquiátricos da obesidade (citado em 2010 Agosto). Disponível em: <http://www.abeso.org.br>.

SOHN, Anne-Marie. *O Corpo Sexuado*. In: Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SCHILDER, P. *A Imagem do Corpo: as energias construtivas da psique*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

VIGNE, Joana.A. O corpo de mulheres praticantes de musculação na Rosinha. IN: XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Anais. RS: Porto Alegre, 2005.

VENEZIANO, Neyde. *De Pernas Para o Ar: Teatro de Revista em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

KAUFMAN A. (2000). Obesidade feminina e sexualidade. Disponível em <http://www.hcnet.usp.br/ipq/prato/biblioteca/arthur2.htm> (citado em 10/08/11)

APÊNDICES

Apêndice I

Questionário Utilizado

Nome: _____

Endereço: _____

Data de Nascimento _____

Peso _____ Altura _____

Casada? _____ Solteira? _____ Filhos? _____

Número de pessoas no domicílio: _____ Escolaridade: _____

Renda familiar _____

Emprego: _____

Religião _____

Horas gastas por dia assistindo TV: _____

Come assistindo TV? _____

Qual o seu lugar na família? _____

Tem algum obeso na família? _____

Quando se percebeu gorda? _____

Porque? _____

Quer emagrecer? _____

Em que a gordura te incomoda? _____

Na infância ou adolescência tinha alguma mania? _____

Roe unha? _____ Lápis? _____ Usou chupeta? _____

Até que idade? _____

Outros? _____

Acorda a noite para comer? _____

Come escondido? _____

Faz atividade física? _____

Apêndice II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Estou informado que o objetivo desta pesquisa é investigar as causas sociais e psicológicas que levam à compulsão bucal e podem, conseqüentemente, levar à obesidade.

Minha participação na pesquisa é voluntária. Os resultados desta pesquisa podem ser publicados em revistas científicas ou apresentados em eventos com o mesmo fim.

Estou também ciente de que os dados e informações pessoais coletados pelo pesquisador são confidenciais, que não serei identificada e que não receberei nenhuma ajuda financeira ou remuneração.

Do mesmo modo, posso me retirar da pesquisa no momento que desejar, estando informada que esta participação não acarretará nenhum dano.

Assinatura

Macapá, _____ de _____ de 2010.

Pesquisador responsável: Alice Jácome do Nascimento

Orientadora: Iraci Carvalho Barroso

Endereço: Rua Marcelo Cândia, nº 1168, Santa Rita, Macapá-Ap

Telefones: 32416169/ 81154456